

**Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro**



LEILA PAULA BEZERRA LEVY

A Educação Infantil na Pedagogia Waldorf

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

**Coordenação Central de Extensão
Curso de Especialização em Educação Infantil:
Perspectivas de Trabalho em Creches e Pré-Escolas**

Orientadora: Silvia Néli Falcão Barbosa

Rio de Janeiro,
Setembro de 2014

**Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro**



LEILA PAULA BEZERRA LEVY

A Educação Infantil na Pedagogia Waldorf

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-RIO como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Orientadora: Silvia Néli Falcão Barbosa

**Coordenação Central de Extensão
Curso de Especialização em Educação Infantil:
Perspectivas de Trabalho em Creches e Pré-Escolas**

Rio de Janeiro,
Setembro de 2014

CCE
COORDENAÇÃO
CENTRAL DE
EXTENSÃO

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar a pedagogia waldorf na Educação Infantil. Nele são destacados, no primeiro capítulo, alguns conceitos básicos da Antroposofia - base filosófica da Pedagogia Waldorf - para uma melhor compreensão dos pilares que sustentam essa proposta pedagógica. No segundo capítulo são apresentados os principais fundamentos que norteiam a prática da Educação Infantil dentro dessa perspectiva pedagógica, incluindo: a imitação; o corpo e o movimento; os brinquedos e as brincadeiras; o ritmo; e a alfabetização.

Palavras chave: Pedagogia Waldorf, Educação Infantil, Antroposofia

Dedico aos filhos - não apenas aos meus, mas aos filhos do mundo. Às crianças, que têm direito a uma educação que respeite sua individualidade, sua criatividade, e seus sentimentos, abrindo espaço para sua liberdade.

Agradecimentos

À querida orientadora, Silvia Néli, por sua sensibilidade e disponibilidade na condução desta monografia.

À querida Denise Domingues por sua generosidade em compartilhar seus conhecimentos da pedagogia waldorf.

À professora Paula Levy por seu envolvimento na pesquisa de textos,

À Escola Michaelis e seus dedicados professores, em especial, as doces jardineiras,

Às professoras Élide e Luciene pela gentileza em abrir suas salas para o registro das fotos,

E ao meu marido, pelo apoio e parceria, sempre.

Lista das imagens

Imagem 01 - Foto de Rudolf Steiner.

Imagem 02 - Goetheanum (1914).

Imagem 03 - Goetheanum (após reconstrução).

Imagem 04 - Goetheanum (em obras) (2014).

Imagem 05 - Goetheanum (em obras) (2014).

Imagem 06 - Ateliê de Steiner/Goetheanum (2014).

Imagem 07 - Fotos da Escola Livre em Stuttgart (na antiga fábrica de cigarros Waldorf).

Imagem 08 - Foto atual da Escola Livre de Stuttgart.

Imagem 09 - Criança brincando na sala do Jardim de Infância.

Imagem 10 - Foto de Madona, de Rafael.

Imagem 11 - Tocos de madeira e sementes organizados em cestas.

Imagem 12 - Boneca waldorf.

Imagem 13 - A rede que vira canoa.

Imagem 14 - Crianças fazendo aquarela enquanto a professora toca Kântele.

Imagem 15 – Crianças desenham enquanto a professora corta pão.

Imagem 16 - Menina fazendo tricô de dedo.

Imagem 17- Crianças pintando o escudo para a época de Micael.

Sumário

1. Introdução -----	07
2. A Pedagogia Waldorf: perspectiva histórica-----	10
2.1 Rudolf Steiner e a Antroposofia-----	10
2.2 Princípios da Antroposofia que norteiam a Pedagogia Waldorf---	13
2.3 A Pedagogia Waldorf-----	17
2.4 As Escolas Waldorf no Brasil-----	23
2.5 O movimento dos Jardins de Infância-----	25
3. A prática pedagógica no Jardim de Infância-----	29
3.1. A Imitação-----	32
3.2. O corpo e o movimento-----	34
3.3. Os brinquedos e as brincadeiras -----	36
3.4. A importância do ritmo -----	40
3.5. A prontidão para a alfabetização -----	43
4. Notas finais-----	47
5. Bibliografia-----	50

Minha Pedagogia

(Dom Helder Câmara)

“Não ensine a seu filho
que as estrelas
não são do tamanho que parecem ter:
maiores do que a terra!
São lâmpadas
que os anjos acendem todos os dias
assim que o sol
começa a escurecer...
Não diga a seu filho
que as asas dos anjos só existem na
imaginação.
Já vi meu anjo em sonho
e posso jurar
que ele tem asas claras
que até parecem feitas de luz.
Não encha a cabeça de seu filho
ensinando-lhe hipóteses precárias
que amanhã de nada servirão.
Povoe de beleza
o olhar inocente de seu filho.
Dê-lhe uma provisão de bondade
que chegue para a marcha da vida.
Infunda-lhe na alma
o amor de Deus
-e tudo o mais,
por acréscimo,
ele terá.”

1. Introdução

A minha relação com a educação infantil renovou-se a partir de minha experiência como mãe. Foi durante a busca por uma escola para meu filho que conheci a pedagogia waldorf. Até então, meu contato com o ambiente escolar incluía apenas as minhas experiências como estudante e mais tarde, como psicóloga que atendia crianças.

Entrei na escola em 1978, aos cinco anos, na antiga classe de alfabetização – CA. Era o Jardim Escola Caçula, na Tijuca, que logo depois foi comprada por uma outra instituição, de tradição militar, a Escola Palas, que se caracterizava por praticar uma disciplina rígida, e cujo foco principal era o resultado positivo através das notas. Havia um controle sobre o corpo da criança, que deveria se comportar adequadamente; não havia o incentivo à expressão livre e criativa. Não tinha artes, teatro ou música. A condução de momentos mais criativos e artísticos ficava a cargo dos professores, como algo a mais, não fazendo parte da orientação pedagógica da escola.

Muitos anos depois, quando cursei a especialização em Saúde Mental da Criança e Adolescência (2007/2009), no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/RJ), comecei a atender crianças. Sempre me chamou atenção a importância da escola na vida das crianças. É um lugar de convívio intenso entre professores e alunos, onde a criança passa algumas horas do seu dia, convivendo muitas vezes mais tempo com os professores e os colegas do que com sua família. Nesse espaço, as crianças constroem as primeiras relações sociais e convivem com a expectativa do outro sobre seu desempenho (seja nos estudos, ou no comportamento).

Nos atendimentos, muitas questões que as crianças ou suas famílias traziam, tinham a ver com a relação escola - criança. Era muito comum a criança ser levada para atendimento por conta de uma demanda vinda da escola, por motivos que incluíam: dificuldade em assimilar o conteúdo; dificuldade com a socialização; questões disciplinares. Algumas vezes as crianças já chegavam com um diagnóstico inferido pela escola: hiperatividade ou déficit de atenção.

Anos mais tarde, em 2006, quando comecei a busca por uma escola para meu filho, à época com dez meses, conheci o Jardim Michaelis, jardim de infância waldorf que anos depois se tornou o Jardim Escola Michaelis. Foi aí que tive meu primeiro contato com a pedagogia waldorf. Fiquei muito surpresa ao descobrir que existia uma

escola onde era não apenas possível, mas desejável, que as crianças brincassem livremente!

Ao entrar na escola pela primeira vez, me surpreendi com sua estética, em nada lembrando a aridez de uma escola convencional: mais parecia uma casa, com toalha de tricô na mesa do jantar, flores enfeitando a janela e até uma mini-cozinha dentro da sala! Não havia ali brinquedos de plástico, todos eram de tecido ou madeira, organizados em cestos de palha, cuidadosamente distribuídos no ambiente. As paredes eram cor de pêssego, e todos os móveis de madeira.

Descobri tratar-se de uma escola associativa, portanto, que pressupunha a participação efetiva das famílias das crianças como parte de um tripé formado também pelas esferas pedagógica e administrativa. Fiquei curiosa acerca de como poderia se dar uma relação de parceria entre família e escola. Pais, professores e crianças.

No ano seguinte matriculei meu filho nessa escola, e comecei a estudar a pedagogia waldorf através de grupos de estudo, palestras e livros. Minha relação com a escola naturalmente foi se estreitando na medida em que nós, pais, éramos chamados para reuniões, mutirões, eventos, além das conversas individuais com os professores (os professores se comunicam com os pais diretamente, sem intermédio de caderno ou agenda).

Em outubro de 2012 passei a cursar o seminário de pedagogia waldorf no Rio de Janeiro (curso de formação em pedagogia waldorf com duração de quatro anos), interessada em me aprofundar no estudo daquela pedagogia. Sentindo necessidade de ampliar meus conhecimentos na área da Educação Infantil, em abril de 2013, comecei a fazer o Curso de Especialização em Educação Infantil, na Pontifícia Universidade Católica - PUC/RJ.

Durante esse curso tive a oportunidade de conhecer autores interessantes como Vigotski, Freinet, Montessori e Wallon, além de experiências libertadoras de escolas como a da Ponte, em Portugal, e Reggio Emilia, na Itália. Porém, me chamou atenção o fato de não se falar em pedagogia waldorf na grade do curso. Pesquisei entre as monografias apresentadas nesses 20 anos de história do curso de especialização em educação infantil na PUC/RJ, mas não encontrei nenhuma que a tivesse como tema.

Considerarei então pertinente escrever uma monografia que falasse sobre a pedagogia waldorf na educação infantil, preenchendo essa lacuna. Acredito que essa pedagogia mereça destaque junto com outras propostas, por apresentar uma identidade pedagógica estruturada, ou seja, a sua visão de homem e mundo dialoga com a proposta pedagógica.

Existente há quase um século, hoje em dia a pedagogia waldorf conta com cerca de mil escolas¹ no mundo todo.

Assim, esta monografia tem como objetivo apresentar os principais fundamentos da Antroposofia (base ideológica da pedagogia waldorf), da pedagogia waldorf, e de seu dia a dia na educação infantil. Para essa discussão foram realizadas pesquisas bibliográficas e conversas informais com pessoas ligadas à pedagogia waldorf. Também foi importante a minha trajetória pessoal como fonte de pesquisa. Nessa perspectiva, além dos depoimentos, apresento fotos para acompanhar e ampliar as possibilidades da narrativa. As imagens não foram tiradas como campo de pesquisa específico, mas estão presentes neste trabalho com a intenção de ampliar a compreensão do leitor sobre essa pedagogia. Algumas dessas imagens foram retiradas da internet e as demais são do meu arquivo pessoal.

A intenção desta monografia é apresentar a pedagogia waldorf. Um olhar crítico para esse processo e tensões que todo conhecimento comporta necessitaria uma extensão maior e aprofundamentos outros que não cabem neste trabalho. A pedagogia waldorf é uma escolha dentre outras opções. A ideia é dar ao leitor a oportunidade de conhecer essa abordagem e permitir aproximações e reflexões mais pertinentes.

A monografia está dividida em duas partes: Na primeira apresento a Antroposofia e alguns conceitos que norteiam a Pedagogia Waldorf. Na segunda, trago alguns princípios que sustentam a base da Educação Infantil por essa perspectiva pedagógica. Ao longo do texto lanço mão de algumas imagens fotográficas buscando ampliar o diálogo com o leitor e fazer aproximações com o conteúdo explicitado.

¹ Fonte: Site da Sociedade Antroposófica no Brasil. < <http://www.sab.org.br/>>.

2.

A Antroposofia e a Pedagogia Waldorf

Neste capítulo farei uma breve apresentação da Antroposofia, ciência que sustenta ideologicamente a pedagogia waldorf, e de seu criador, o filósofo Rudolf Steiner. Destacarei alguns elementos que considero fundamentais para o entendimento do leitor, na parte seguinte da monografia, que apresenta a dinâmica de um jardim de infância waldorf. Busco trazer uma perspectiva histórica do contexto sócio/cultural/econômico que emergia no mundo na época da criação da Antroposofia.

Da mesma forma, pretendo apresentar um pouco da história da pedagogia waldorf: o que motivou a construção dessa perspectiva pedagógica, quando e como se deu seu nascimento. Discorro sobre o movimento dos jardins de infância waldorf no mundo, iniciado alguns anos depois do surgimento da escola waldorf de ensino fundamental.

O capítulo também apresenta o começo da pedagogia waldorf no Brasil, em São Paulo, na década de 50, e o panorama do crescimento no número de escolas waldorf no país.

2.1. Rudolf Steiner

"A natureza faz do homem um ser natural;
A sociedade faz dele um ser social,
Somente o homem é capaz de fazer de si um ser livre".
(Rudolf Steiner)

Rudolf Steiner nasceu em 1861, em Kraljevec, antiga Hungria. Filho de um funcionário rodoviário e uma dona de casa estudou ciências naturais e matemática na Universidade Tecnológica de Viena. Fez doutorado em filosofia na Universidade de Rostock, Alemanha, publicando em 1891 sua tese intitulada "Verdade e Ciência-Prelúdio para uma Filosofia da Liberdade". Condenava o reducionismo científico e o materialismo. Foi um dos primeiros filósofos europeus a superar a ruptura entre sujeito e objeto, que perdurou durante muitos séculos na mentalidade europeia.

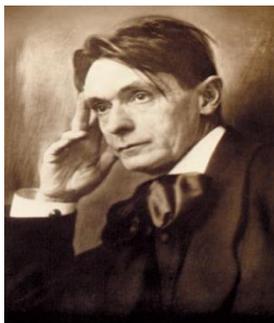


Imagem 01

Rudolf Steiner (1861 – 1925)

Steiner realizou estudos literários e filosóficos com interesse em questões político-sociais. Buscava superar o abismo entre o pensamento moderno e a concepção espiritual. Foi autor e editor do prólogo da primeira edição das Obras Científicas Completas de Goethe². Teve influência de filósofos como Hegel, Kant, Schiller Fichte, mas foi em Goethe que Steiner teve sua grande referência.

Ora, em meus estudos de Goethe me ficou claro como meus pensamentos conduzem a visão da essência do conhecimento manifesta por toda parte na criação de Goethe e em sua postura relativa ao mundo. Descobri que meus pontos de vista redundaram numa teoria do conhecimento que é a da cosmovisão goethiana (STEINER, 2004, pag.16).

Steiner se aprofundou no método de observação e investigação de Goethe e ampliou-o para o desenvolvimento do Ser-Humano. Goethe desenvolveu um método de investigação científica de observação da natureza através da botânica, da mineralogia, da meteorologia, mas seu estudo mais conhecido é o da teoria das cores.

O método científico de Goethe é apresentado pela identificação dos fenômenos primordiais, *Urphanomen*, constitutivos da essência das manifestações empíricas da natureza. Propõe-se a superação da dicotomia entre ideia e experiência, indicando-se que toda cisão no fenômeno é uma artificialidade portadora de obstáculos à plena compreensão da natureza (MADEL e WENCESLAU, 2012, p. 85).

A Antroposofia, teoria fundada por Steiner, construirá a partir do método goethiano um estudo da natureza do homem. A proposta de Steiner é o desenvolvimento de uma investigação metodológica que compreenda o homem de forma global, viva, um microcosmo no qual interage e vibram os processos do

² Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832) foi poeta, filósofo e cientista alemão. Autor de obras clássicas como “Fausto, uma tragédia”(1808) e “O sofrimento do jovem Werther”(1774).

universo, e o universo espiritual residindo no mundo interior do homem. Nas palavras de Steiner:

A pesquisa Antroposófica visa, de antemão, a captar o ser humano em seu todo, conforme sua essência corpórea, anímica e espiritual. Ela visa, por assim dizer, a compreender o homem não por meio de uma observação interna, abstrata e morta, e sim mediante uma observação que seja viva, que também possa, por meios de conceitos vivos, acompanhar o homem e compreendê-lo em sua entidade formada de espírito, alma e corpo e em plena vitalidade. E, com isso, estaremos em condições de também ver corretamente as metamorfoses do ser humano decorrentes durante a vida. O homem é, por assim dizer, bem diferente conforme esteja passando pelo desenvolvimento que vai do nascimento até a troca dos dentes ou pelo desenvolvimento que vai da troca dos dentes até a maturidade sexual (...) (STEINER, 2013, p. 31).

A ciência espiritual antroposófica vai ao encontro de uma tradição científica focada primordialmente nos fenômenos físicos. Através de uma perspectiva fenomenológica, ela desenvolverá seus estudos científicos demonstrando, através de pressupostos e processos, a possibilidade de uma visão do mundo e de homem para além do campo material, do corpo físico. Através dos estudos antroposóficos, Steiner buscará preencher o abismo existente entre ciência e espiritualidade.

Em 1913, Steiner, em conjunto com sua colaboradora e mais tarde esposa Marie Steiner- von Sivers, fundou o edifício da Sociedade Antroposófica, o Instituto *Goetheanum* em Dornach (Suíça). Esse edifício, que durou 10 anos para ser concluído, foi construído todo em madeira, projetado e talhado por Steiner junto de seus colaboradores e artistas vindos de diferentes partes do mundo. Porém, em 31 de dezembro de 1922 o *Goetheanum* sofreu um incêndio criminoso e foi completamente destruído. Especula-se que possa ter sido destruído por grupos, desafetos, que eram contrários às suas ideias. Entretanto foi construído um segundo *Goetheanum*, também projetado por Steiner, no mesmo local que o primeiro, desta vez em concreto. Steiner faleceu em 1925, aos 64 anos, em Dornach, não chegando a presenciar a inauguração do novo edifício do *Goetheanum*.

A obra completa de Rudolf Steiner, publicada em cerca de 400 volumes, entre livros e ciclos com mais de seis mil palestras, está guardada no Instituto *Goetheanum*.



Imagem 02
Goetheanum (1914)



Imagem 03
Goetheanum (após reconstrução)³



Imagem 04
Goetheanum (2014)



Imagem 05
Goetheanum (2014)



Imagem 06
Ateliê de Steiner (2014)⁴

2.2 Princípios da Antroposofia que norteiam a pedagogia waldorf

“Uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos das nossas certezas.”
(Paulo Freire)

A Antroposofia (do grego *anthropo* + *sophia* - sabedoria humana) é uma ciência que compreende o homem como uma unidade psico-físico-espiritual. Desenvolvida por Rudolf Steiner, sua proposta contempla além de uma filosofia, também uma prática que pressupõe que o espírito e a matéria convivam em uma unidade harmônica. Além da pedagogia waldorf, outros setores nos âmbitos culturais, sociais e humanos também desenvolveram suas práticas influenciadas pela Antroposofia, como a medicina, a arquitetura, a agricultura biodinâmica, a arte e a farmácia (Weleda⁵). A visão holística do homem como ser integral marcará as propostas para a pedagogia

³ As imagens 01, 02 e 03 foram retiradas da Web.

⁴ As imagens 04, 05 e 06 são do arquivo pessoal da autora, tiradas em 2014. O instituto passava por reformas. O ateliê de Steiner é original.

⁵ Weleda: indústria farmacêutica multinacional apoiada na filosofia antroposófica.

waldorf, além da força que apresenta no campo social, através da trimembração do organismo social⁶.

A Antroposofia apresenta um conjunto de conhecimentos que convoca a nos desfazermos dos significados de palavras já carregadas de conotações religiosas e sentidos diversos como alma e espírito, para refazermos através de suas “lentes” novos conceitos dessas palavras.

Para a Antroposofia o nascimento do corpo físico é a continuidade de uma vida (anímico-espiritual) que já existia no campo espiritual e que continuará após a sua morte. A passagem na terra faz parte de um percurso de amadurecimento para a evolução espiritual do homem. É com essa visão espiritual e bastante complexa da existência que a Antroposofia cria a pedagogia waldorf, com a proposta de oferecer ao homem uma educação que dialogue com as necessidades atuais de seu tempo e sua vida.

A ciência espiritual antroposófica concebe a natureza do homem de forma integral contemplando as três faces: corpo (físico), alma (anímico) e espírito (espiritual). Apesar do homem, ao nascer, já ser um ser inteiro, com corpo, alma e espírito, cada um desses corpos (físico, anímico, espiritual) vai se desenvolver e se manifestar em tempos diferentes, com duração média de sete anos cada um. A Antroposofia chamará esses períodos de setênios. Desenvolverei a seguir junto com a ideia de setênios, alguns outros conceitos da Antroposofia que são importantes para a compreensão de como é o Jardim de Infância na perspectiva waldorf. Devido à complexidade e amplitude do tema, não será possível um aprofundamento maior nesses conceitos, porém faço aqui uma primeira apresentação. Para facilitar a compreensão, segue no quadro abaixo, a correlação de alguns conceitos.

1ºsetênio	2ºsetênio	3º setênio
Corpo	Alma	Espírito
Querer	Sentir	Pensar
Bom	Belo	Verdadeiro
Imitação	Autoridade	Veracidade

⁶ Mais informações no livro: STEINER, Rudolf. **Os pontos Centrais da Questão Social. Aspectos econômicos, político-jurídicos e espirituais da vida em sociedade.** São Paulo. Antroposófica. 2011.

O primeiro setênio é marcado pelo desenvolvimento do corpo físico. É nesse período que acontece o ápice na formação dos órgãos internos e do cérebro. A primeira infância tem uma superprodução de sinapses, que só se formam nesse período da vida: são os neurônios espelhos, que desaparecem em grande parte após os sete anos. Além disso, o cérebro começa a receber, ainda no período embrionário (7º mês), uma bainha de gordura - bainha de mielina - que recobre os neurônios. Esse processo dura entre seis e sete anos, quando terá concluído a mielinização dos neurônios⁷.

A Antroposofia entende que essa fase é uma espécie de “gestação” do corpo físico fora da barriga materna. O término desse período culmina com a troca dos dentes de leite para os definitivos. Por a criança estar em plena formação corpórea, a Antroposofia defende que a criança não deve ser alfabetizada antes dos sete anos, pois isso geraria um desgaste não apenas mental como físico, justamente num momento em que seu corpo está em pleno desenvolvimento. Nessa fase a criança é basicamente corpo e movimento. É necessidade dela: andar, correr, pular, brincar, experimentar de diferentes formas. Todo o empenho pedagógico deve caminhar no sentido de favorecer esse movimento natural da criança, pois isso é parte do desenvolvimento do corpo. As brincadeiras são livres, ela precisa ter espaço para criar e soltar sua imaginação.

(...) nessa faixa etária, não são as capacidades de raciocínio, de agregar elementos ou de construir a partir de átomos que precisam ser incentivadas, mas *a ativa imaginação infantil que vive no interior da criança*, força que desprende do trabalho ágil e cheio de vida interior, ou seja, da configuração plástica do cérebro. Portanto dever-se-ia tentar evitar, tanto quanto possível, moldar a imaginação infantil em contornos rígidos e acabados. (STEINER, pag.06, 2013)

A relação com o mundo é através da vontade, do QUERER. Esse é um princípio no primeiro setênio, é através da atuação da vontade que ela: engatinha, anda, fala, experimenta, inventa, brinca e se movimenta. “Na primeira fase da vida, o ser humano - podemos afirmar isso sem restrição alguma - simplesmente faz o que quer” (STEINER, 2013, pag.116.) Ela é impulsionada por uma vontade motora que a faz querer conhecer o mundo através do fazer. O QUERER está no corpo inteiro, é algo que vem “de dentro pra fora”.

Nesse primeiro tempo da vida, as experiências positivas devem fazê-la crer que o mundo é BOM, para isso o ambiente deverá proporcionar segurança. O

⁷ Dados retirados a partir de um encontro de pediatras e neurocirurgiões antroposóficos: namu.com.br/materias/alfabetizacao-so-depois-dos-7-anos

desenvolvimento saudável do corpo físico passará pela confiança no mundo. É uma fase basicamente sensorial, em que a criança é permeada pelo que vê, seus sentidos, como “antenas”, estão abertos captando o que se passa ao seu redor. Steiner (2013) afirma que até os sete anos a criança está na “idade da IMITAÇÃO”, que será o principal princípio pedagógico no primeiro setênio. Desenvolverei mais sobre a IMITAÇÃO e outros fundamentos pedagógicos importantes nessa fase como CORPO, o BRINCAR e os RITMOS no segundo capítulo desta monografia.

O segundo setênio dura entre sete e quatorze anos. Será marcado pelo desenvolvimento da ALMA. A relação com o mundo será através do SENTIR. Durante esse período haverá um desenvolvimento intenso dos sentimentos e emoções. A criança que está agora com o lado motor mais seguro e desenvolvido, se lançará no mundo a partir das relações mais afetivas e racionais. Para a pedagogia waldorf, nessa fase a criança deverá ser envolvida pela força do sentimento e da estética: as emoções e as vivências devem acompanhar o ensino das matérias.

O professor deve ser um artista no sentido mais amplo da palavra, e todo o ensino deve ser uma obra de arte. Assim como o artista se dirige aos sentimentos de seu público, o professor alcançará suas metas exclusivamente apelando aos sentimentos e à fantasia de seus alunos. (LANZ, pag.50, 2005)

O ensino das matérias deve ser permeado de arte. O mundo deve ser BELO. Nesse período a criança precisa que o educador seja alguém por quem tenha admiração. A criança tem necessidade de amar, venerar quem for sua referência (pai, educador, etc...). O princípio da imitação, que regeu o primeiro setênio será substituído pelo da AUTORIDADE. Em relação a esse período Lanz (2005, p. 54) afirma que “não poderia haver educação harmoniosa se o educador não fosse admirado e aceito como autoridade natural, com base no amor”. A autoridade amada deve respeitar o desabrochar da individualidade, incentivando o próprio pensar e querer da criança. Deve proporcionar um entorno seguro e despertar admiração. O final do segundo setênio é marcado pela puberdade, trazendo uma intensa transformação física, psíquica e mental. O corpo anímico estará desenvolvido, mais maduro.

O terceiro setênio acontece entre quatorze e vinte e um anos. A relação com o mundo será através do PENSAR. O jovem agora construirá seu pensamento, a partir de uma reflexão mais crítica do mundo. Vai passar a questionar tudo e fazer julgamentos próprios. O princípio pedagógico da autoridade, que vigorava durante o segundo setênio, não se sustenta mais. A figura que antes era de referência será questionada em sua veracidade, ele quer saber os fundamentos por trás de sua fala e ação. Acima de tudo o que importa para ele é o que se é de verdade.

Seu impulso será de ir em busca do que acredita ser a verdade do mundo, a busca de um ideal. Da mesma forma que o mundo precisa ser bom para o querer confiante no primeiro setênio, e precisa ser belo para o sentir pleno no segundo setênio, no terceiro o mundo precisa ser VERDADEIRO para a clareza no PENSAR. O princípio pedagógico que vigora agora é a VERACIDADE, “o reconhecimento das reais qualidades do educador, e em particular de sua capacidade intelectual e integridade moral” (LANZ, 2005, p.58).

No terceiro setênio os jovens deverão ter vivências concretas das matérias, ter experiências ativas no mundo, conhecer a realidade social e os problemas da humanidade. A inquietude do jovem deverá ser transformada em impulso de querer estar no mundo e melhorá-lo. Junto com o final do terceiro setênio chega a maioridade. Com o corpo físico formado ao final do primeiro setênio, e da alma formada ao final do segundo, será o momento, ao final deste, do despertar do ESPÍRITO.

Pressupõe-se que o jovem, ao chegar aos vinte e um anos, tenha desenvolvido o seu EU, a sua individualidade de forma plena. Porém, o desenvolvimento humano jamais findará, continuará até o final de seus dias. É possível encontrar mais informações sobre o estudo dos setênios dentro da “Biografia Humana”, o ramo da Antroposofia que estuda o percurso biográfico do ser humano⁸.

2.3. A Pedagogia Waldorf

“Receive the child in reverence, educate the child in love,
release the child in freedom”.
Rudolf Steiner⁹

A Pedagogia Waldorf foi criada por Rudolf Steiner em 1919. Nessa época o mundo vivia as consequências do final da primeira guerra mundial. Havia um caos econômico e social generalizado, milhares de famílias devastadas sobrevivendo num período pós-guerra. Uma multiplicidade de pensadores e vozes buscavam dar sentido às questões que circundavam a crise pela qual o mundo passava naquele momento. Steiner, que já trazia em seu discurso uma preocupação com assuntos sociais, era procurado para dar conferências e palestras para industriais e grupos de operários

⁸ A maior referência desse assunto é a Dra Gudrun Burkhard. Escreveu vários livros sobre o tema, um exemplo é: Harmonia e Saúde. A biografia humana. São Paulo. Antroposófica. 2009

⁹. Receber a criança em reverência, educar a criança no amor, lançá-la em liberdade (tradução livre da autora).

para falar das questões sociais pelo olhar da Antroposofia. Steiner revalorizou os impulsos da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade como diretrizes das diferentes funções sociais. Assim concebeu a Trimembração do Organismo Social¹⁰, considerando e tratando as áreas da vida econômica, jurídica e espiritual como três atividades sociais que devem ser administradas de forma autônoma, coexistindo lado a lado. Dessa forma a proposta de Steiner apresentava a liberdade espiritual na vida cultural, igualdade democrática na vida jurídica-legal e a fraternidade social na atividade econômica. (CARLGREN e KLINGBORG, 2005). Na educação essa proposta reflete-se em que a criança desenvolva um pensamento claro, isento de preconceitos e dogmas, que a leva à LIBERDADE; sentimentos francos, verdadeiros, não massificados e que levem em consideração o próximo, num marco de IGUALDADE de direitos e obrigações, e uma capacidade de sustentar responsabilmente a FRATERNIDADE na vida econômica do futuro. Veremos esse modelo proposto por Steiner aplicado na Escola Waldorf.

O início da escola waldorf se deu em Stuttgart em 23 de abril de 1919, no depósito de Tabaco da Fábrica de cigarros Waldorf-Astória. Convidado pelo chefe da empresa de cigarros, Sr. Emil Molt, Steiner falou sobre suas ideias político-econômico-sociais:

O público mostrou-se nitidamente reservado até que o palestrante se aprofundou nas questões de educação.(...) Steiner fala que “ano após ano, milhares de pessoas - por estarem sujeitas à pressão econômica, necessitando cuidar da vida profissional - eram cerceadas na idade em que suas forças espirituais e anímicas precisavam de cuidados especiais para desabrochar. Ele começou a falar de algo que ainda não existia, mas que era uma exigência do tempo: uma escola única de 12 séries, para todas as classes sociais e para meninos de ambos os sexos, que incluísse o ensino fundamental e de nível médio e que fosse acessível a qualquer pessoa, independente da camada social à qual pertencesse. (CARLGREN e KLINGBORG. 2005, p.15)

A partir do desejo desses operários em oferecer uma educação melhor para os filhos, a escola waldorf tem seu início. Steiner monta o currículo de uma Escola livre. “Portanto, de fato a Escola Waldorf leva o nome “Escola Livre” não apenas por uma formalidade exterior, e sim de acordo com a mais íntima, a mais livre constituição de toda a sua essência”. (STEINER, 2008, pag.120). Assim nasceu a *Escola Waldorf Livre*, em Stuttgart, a primeira escola waldorf (funciona até os dias de hoje). A escola foi inaugurada para ter classes do ensino fundamental até o ensino médio. A educação infantil foi criada mais tarde (vide 2.3). As imagens abaixo mostram a passagem do

¹⁰ Steiner desenvolve esse tema no livro: Os pontos centrais da questão social. São Paulo, Antroposófica.

tempo de uma história que tem quase um século de experiências com a educação, na perspectiva de Rudolf Steiner.



11

Imagem 07



12

Imagem 08

Sua proposta é de uma educação que não seja avaliada quantitativamente por meio das notas, mas sim o olhar atento do que seja mais profundo na criança, para fazer surgir, desenvolver e incentivar o desabrochar harmonioso dos alunos. Uma das indicações de Steiner era a aproximação entre pais e professores. Os professores deveriam escutar o que os pais tinham a dizer sobre seus filhos, pois assim eles conheceriam mais sobre seus alunos.

As escolas waldorf desejam preparar suas crianças para a vida, não priorizando um ensino conteudista, enciclopédico, mas um ensino que seja vivo, dinâmico, onde os conhecimentos são transmitidos com riqueza, pluralidade e diversidade, e as crianças possam levar o que aprendem para a vida dinâmica.

Não obstante, não podemos educar pessoas que, ao sair da escola para a vida, só possuam um senso para a crítica e constatem que a vida não tem sentido. Por mais imperfeita que a vida possa ser perante a abstrata crítica racional, é preciso estar dentro dela. Aliás, os alunos Waldorf devem ser entregues à vida- caso contrário a Escola Waldorf não teria sentido- levando-se em consideração seu lado humano, mais do que geralmente acontece em nossa época atual; contudo, eles não podem ser educados para serem pessoas alheias à vida de sua época, no sentido de integrar-se nela apenas como críticos alheios à mesma (STEINER, 2008, p.142)

¹¹ Imagem 07: Foto da Escola Waldorf Livre de Stuttgart na antiga fábrica de cigarros waldorf. Fonte: < <http://www.waldorfschule.de/eng/waldorf-education/>>.

¹² Imagem 08: Foto atual da Escola (2014) Fonte: < <http://www.dw.de/antroposofia-de-rudolf-steiner-ainda-se-faz-presente-na-alemanha/a-5591759>>.

Um ensino que não se comprometa com a vida formará pessoas alheias a si mesmas, ao próximo, ao seu mundo e sua época. Não se ensina algo para ser adorno, mas para ser parte desse sujeito que vive a vida comprometido com ela. Essa deveria ser uma missão da escola: educar para a vida, para a criança realmente “estar dentro” dela. Steiner fala que “a nossa mais elevada tarefa deve ser a de formar seres humanos livres, capazes de, por si mesmos, encontrar propósito e direção para suas vidas” (STEINER, 2007, p.81).

Os professores têm um papel central nas escolas waldorf. O sistema de gestão da escola o coloca como figura responsável não somente para dar aulas, mas também para ser um gestor responsável pelo seu funcionamento e organização. Nas escolas waldorf não existe a figura de um diretor que dirige e orienta o que o professor deve ou não fazer, mas é o próprio colegiado de professores que se responsabiliza por suas ações, práticas e decisões. O professor tem autonomia na elaboração e desenvolvimento do que acredita ser o mais adequado para sua turma. Steiner valorizou a autoeducação como um exercício necessário ao professor, e ao processo educacional como um todo, se estendendo inclusive aos pais. Na perspectiva de Steiner,

Na verdade não há, em etapa alguma, outra educação que não seja a autoeducação. (...) Toda educação é autoeducação, e nós, na verdade, como professores, somos apenas o ambiente em redor das crianças que se autoeducam. Temos que constituir o ambiente mais propício para que, junto à nós, a criança se eduque conforme deve educar-se por seu destino interior. (STEINER, 2013, p.126)

A autoeducação vai permear a preparação do professor, trazendo uma reflexão frequente não apenas para a prática pedagógica em si, mas sobretudo para a força que o professor transmite com sua presença, o que ele pode despertar no aluno. “A Ciência Antroposófica existe para que nos compenetremos da importância que possui o fato de o homem influir no mundo não só pelo que faz, mas antes de tudo pelo que é” (Steiner, 2007, pag.26). Steiner traz através desse conceito uma dimensão ética da missão do educador e a importância da verdade que é transmitida na relação professor-aluno.

Podemos relacionar a harmonia que Steiner propõe, entre aquilo que se faz e aquilo que se é, com a proposta de organização das escolas waldorf: são organizações associativas, que não têm um dono, não visam lucro. Não há relação hierárquica entre o diretor, o coordenador e os professores. As escolas waldorf são administradas sob o modelo da autogestão.

A trimembração do organismo social: LIBERDADE (esfera pedagógica), IGUALDADE (jurídico-administrativa) e FRATERNIDADE (sócio-econômica) formam o tripé administrativo da escola waldorf. Na esfera pedagógica o corpo docente forma um colegiado que administra em autogestão os assuntos relativos ao pedagógico e a tudo a que este se relaciona. O trabalho deste colegiado poderá ser exercido na esfera da liberdade através do compromisso de cada um, da confiança no outro, da participação ativa e da autonomia, que trará para o grupo pedagógico o compromisso da autogestão.

A outra parte do tripé, no âmbito jurídico-administrativo, é formada por funcionários, representantes da mantenedora (entidade civil, sem fins lucrativos) pais e professores. Os representantes da mantenedora são eleitos através de votação periódica pelos associados da mantenedora e são eles que assumem a responsabilidade jurídica pela escola. A tarefa dessa esfera é organizar, administrar, normatizar regras e acordos que permitam o funcionamento e a convivência social. O princípio de igualdade será dado pela equanimidade e respeito na relação entre todos.

Finalizando o tripé, no âmbito sócio-econômico, participam os pais, professores e amigos da escola. Nesta esfera está o Conselho de Pais e as diferentes Comissões de trabalho (manutenção, bolsas, comunicação, etc...). Estas organizações atuam como um termômetro da escola na detecção, organização e atendimento às necessidades dos pais, dos alunos, da instituição e do espaço escolar. A fraternidade será marcada pelo trabalho voluntário, o interesse no aspecto social e o espírito de cooperação.

Todos os diferentes grupos de trabalho da escola (corpo docente, administrativo, diretoria, comissões, etc...) exercitam a autoeducação através da autogestão, sendo o próprio grupo que faz a avaliação periódica de seu trabalho e desempenho. A trimembração desta organização dará a escola seu caráter associativo. As decisões concernentes a cada esfera são formalizadas através de um processo de consentimento, ou seja, os processos decisórios se dão, não por um caráter majoritário, mas pelo consenso do grupo.

A qualidade da convivência entre professores, pais e funcionários faz com que se amplie o “campo visual” de cada um desses grupos, ou seja, pais passam a conhecer mais proximamente as questões dos funcionários e professores, assim como estes conhecem as questões dos outros e assim por diante. A interação faz com que os processos internos da escola se tornem mais coesos e representativos, e as escolhas tomadas estejam mais próximas de todos.

Essa dinâmica, do ponto de vista dos alunos, traz a experiência de uma escola que, sendo de todos, é mais próxima. As crianças veem os pais junto de seus

professores, resolvendo os problemas, construindo soluções. É uma vivência social onde existe a participação efetiva de todos os envolvidos. Os alunos da escola waldorf experimentam desde a mais tenra idade o que é uma construção comunitária. A escola não se resume à contratação de um serviço onde a educação é delegada, mas sim construída junto às famílias. Essa forma mais ativa de se relacionar com a educação é levada também para o currículo waldorf.

Os princípios didáticos do currículo da Pedagogia Waldorf têm o caráter de diretrizes, trazendo autonomia para a escola e para o professor em atualizar seus métodos e planos de trabalho. “Estimular talentos individuais e torná-los socialmente produtivos é a tarefa mais importante do educador, e não a educação da nova geração para a continuidade linear de trilhas de desenvolvimento técnico-econômicas pré-fixadas” (CARLGREEN e KINGBORG. 2005, p. 11).

Steiner sonhava com uma escola que fosse um organismo social vivo, onde a educação estivesse em compasso com a evolução da humanidade. Havia uma queixa, já em sua época, sobre a necessidade de uma reestruturação na educação. Steiner acreditava que o currículo da escola também pudesse ser desenvolvido buscando um diálogo constante do professor com as crianças. “A criança: eis o verdadeiro currículo”. As indicações de Steiner para formular o currículo pressupõem um conhecimento da essência rítmica da criança e suas manifestações. A elaboração das matérias no currículo buscará apoiar a criança em seu desenvolvimento. O método aplicado será tão importante quanto a matéria.

Levando em conta a natureza do ritmo¹³ das crianças em cada setênio, o ensino nas Escolas Waldorf é dado em épocas. Assim, a partir do 1º ano do Ensino Fundamental, haverá a época de matemática, a de português, de inglês, de alemão, etc... As épocas das matérias duram, em média, um período de 4 a 6 semanas corridos, onde os alunos vivenciam o mesmo assunto com um espaço no tempo de forma a oferecer uma maior intensidade, um mergulho em cada matéria. A partir do 1ºano é dado o ensino de duas línguas estrangeiras. Os professores de classe acompanham a mesma turma até o final do fundamental, sendo ele a referência da turma nesses anos. O professor referência (ou professor de classe) não precisa dar todas as matérias, conforme os anos passam e aumenta a complexidade do currículo, novos professores de matérias passam a lecionar na turma.

Atualmente existem mais de 950 escolas waldorf espalhadas pelo mundo¹⁴, nas mais diferentes culturas, além de 1706 jardins de infância. Das escolas waldorf temos a seguinte distribuição: América: 123 escolas; África: 13 escolas; Ásia: 4

¹³ Falarei mais sobre a importância do ritmo na pedagogia waldorf no item 3.2 desta monografia.

¹⁴ Dados da Federação Brasileira de Escolas Waldorf.

escolas; Europa: 549 escolas; Oceania: 37 escolas. Existem escolas em lugares com culturas bem diferentes como na reserva indígena Lakota, no estado de Dakota, Estados Unidos, na Índia, na África do Sul, na Namíbia e no Quênia, em pequenos municípios onde predominam culturas tribais.

Existem também escolas superiores waldorf, como a universidade privada de Witten/Herdecke, existente há 20 anos; e nas imediações de Bonn, a Escola Superior Alanus, para o ensino de artes e ciências sociais. Ambas na Alemanha.

2.4 As Escolas Waldorf no Brasil

“Em realidade, na escola não devemos aprender para saber, mas devemos aprender para sempre podermos aprender com a vida.”
Steiner,(1922, p.22)

A primeira escola waldorf no Brasil foi a Escola Rudolf Steiner, fundada em 1955, em Higienópolis, São Paulo por um grupo de pais e educadores interessados em implementar a pedagogia waldorf no Brasil. Inicialmente chamada de “Escola Higienópolis”, começou com 28 crianças divididas em uma turma de jardim de infância e uma turma de primeiro ano do fundamental. Ao longo dos anos seguintes o fundamental foi ganhando novas turmas, e a escola crescendo e se estabelecendo. Alguns anos mais tarde a escola se mudou para o bairro do Alto da Boa Vista. Atualmente a escola conta com ensino da educação infantil ao ensino médio.

Atualmente existem 95 escolas waldorf no Brasil. Destas, 62 escolas são apenas de jardins de infância e 33 contam, além do jardim de infância, também com ensino fundamental 1, 2 ou ensino médio. Ou seja, todas as escolas waldorf têm jardim de infância. Esses dados foram disponibilizados pela Federação das Escolas Waldorf no Brasil¹⁵, localizado na cidade de São Paulo. Segue abaixo a disposição dessas escolas nas regiões do Brasil.

Região	Escolas	Alunos
Região Sudeste	63	7.354
Região Sul	11	864
Região Centro-Oeste	07	626
Região Nordeste	13	732
Total Brasil	95	9.726

Quadro 1 – organizado pela autora para esta monografia

¹⁵ Dados obtidos em 18 de setembro de 2014 por envio de correspondência eletrônica do secretário da Federação das Escolas Waldorf no Brasil para a autora.

Vemos que há na região sudeste, em relação às outras regiões, uma concentração muito maior de escolas waldorf, e conseqüentemente de alunos.

Abaixo, um quadro que mostra o aumento das escolas waldorf no Brasil, nos últimos anos. Uma observação: nesse quadro os jardins de infância estão separados entre Jardins e “Jardins independentes” ou “Jardins em formação”. Isso ocorre porque os chamados “Jardins independentes ou em formação” são iniciativas que não estão filiadas à Federação Waldorf no Brasil. Como os dados foram fornecidos pela Federação, eles consideraram essa informação relevante.

Ano	Jardins de infância, Jardins independentes ou em formação+ ensino fundamental+ ensino médio
1998	11
2006	80
2013	96

Quadro 2 – organizado pela autora para esta monografia

Essas informações mostram o Jardim de infância junto com os demais segmentos. Porém, como as 96 escolas atuais têm Jardim de Infância, podemos inferir que todas as iniciativas waldorf no Brasil começaram com o Jardim de Infância. Talvez por ser uma proposta pedagógica pouco conhecida no Brasil, as famílias sintam maior segurança na continuidade do ensino waldorf, a partir do conhecimento que tiveram no Jardim de Infância.

Outra hipótese para explicar o fato de haver mais jardins de infância do que escolas de ensino fundamental e médio, envolve a crença que ainda vigora no senso comum de que enquanto a criança é pequena, não há problema em ela “só brincar”; mas quando o assunto é alfabetização, as coisas são mais sérias, e as escolas devem ser “mais fortes”, preparando-as para o vestibular, o que definitivamente não é o apelo das escolas waldorf.

A visão de que a educação infantil não é tão importante quanto os demais segmentos vem mudando aos poucos. Cada vez mais existem estudos que comprovam que a educação deve começar na educação infantil, e que brincar não é “pouca coisa”: faz parte do desenvolvimento saudável na primeira infância. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB.9394/96 passou a considerar a Educação Infantil, contemplando crianças de 0 a 6 anos, como a primeira etapa da Educação Básica. Essa lei define a finalidade da Educação Infantil no Art. 29. como “primeira etapa da educação básica, que tem como finalidade o desenvolvimento

integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”¹⁶. Além disso, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, em seu Art. 9 propõem que:

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil deve ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que: I – Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança (BRASIL, 2009).

Essa dimensão da criança como ser integral, que aparece tanto na LDB quanto nas diretrizes, dialoga diretamente com a perspectiva integral do ser humano na pedagogia waldorf.

2.5. O movimento dos Jardins de Infância

Ao iniciar a pesquisa de materiais sobre o surgimento da educação infantil na pedagogia waldorf, tive dificuldades, pois não encontrava referências. Procurei no livro “A pedagogia Waldorf” de Rudolf Lanz, (referência da pedagogia waldorf no Brasil), em diversos sites especializados em Antroposofia e educação waldorf e na Proposta Educacional das Escolas Waldorf no Brasil, mas não encontrava nada que falasse sobre esse começo.

Perguntei para a diretora e uma professora da escola waldorf no Rio de Janeiro¹⁷, mas elas também não sabiam qual material indicar. Passei a contar com a ajuda delas para me indicar alguns livros, mas ainda assim não encontrávamos. Uma professora da escola Rudolf Steiner, (a maior e mais antiga escola waldorf do Brasil, localizada em São Paulo) se solidarizando comigo, também iniciou a busca do material. Pesquisou na biblioteca de sua escola, mas não encontrou; perguntou para várias pessoas, entre elas para a representante da IASWECE (Associação Internacional de Jardins Waldorf) no Brasil e professora da escola de Florianópolis. Entrei em contato com ela, que por sua vez entrou em contato com Susan Howard, uma professora alemã que havia escrito um artigo publicado em 2005 na publicação Gateways, um jornal da associação das escolas waldorf na América do Norte.

¹⁶ (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

¹⁷ Jardim Escola Michaelis

Esse percurso nos permite refletir sobre a escassez no Brasil de trabalhos que falem da pedagogia waldorf, sobretudo na primeira infância, o que caminha no sentido oposto ao do crescente número de escolas waldorf no Brasil e no mundo.

A educação waldorf goza de um caráter espiritual. É uma educação que almeja contribuir com o desenvolvimento do ser humano em sua passagem na terra, e a singularidade de seu olhar para os diferentes corpos do homem (corpo, alma e espírito) vai influenciar diretamente em seu modelo pedagógico. Para a Antroposofia a vida do homem na terra é uma continuidade de um percurso espiritual iniciado antes de seu nascimento e que continuará após a sua morte. A educação poderá ajudar ou dificultar seu caminhar na vida. Essa visão espiritualista marcará a criação da pedagogia e do currículo waldorf.

Nosso sistema pedagógico e educacional só será impregnado de uma mentalidade correta se nos tornarmos cômnicos de que nossa atuação sobre o ser humano nada é senão a continuação daquilo que os seres superiores já fizeram antes do nascimento (STEINER, 2007, p. 22).

A abertura do jardim de infância na escola waldorf era uma vontade antiga de Steiner: “Para mim, seria uma profunda satisfação se também a criança mais nova pudesse ser incluída no ensino da Escola Waldorf” (STEINER, 2008, p.115). Segundo o autor, “só atingiremos nossa meta quando estivermos, como Humanidade, tão adiantados que os próprios pais compreendam, já no primeiro período da educação, que tarefas especiais se impõem à Humanidade de hoje.” (STEINER, 2007, p. 21)

Conforme Howard (2005) descreve em seu artigo, Steiner insistia na ideia da abertura de jardins de infância, mas, por questões financeiras e espaciais, encontrava resistência. Para Steiner, os professores ainda não dimensionavam a importância da criação de um jardim de infância. É interessante relacionar a dificuldade que Steiner encontrava na abertura do jardim de infância waldorf com o movimento que já vinha acontecendo na Europa em torno dos Kindergartens, idealizados por Froebel.

Froebel (1782/1852) filósofo, nascido na Prússia, foi o idealizador do jardim de infância - Kindergarten, inaugurando o primeiro em 1837, em Blankenburgo. Foi muito importante para o movimento da educação pré-escolar: considerou os brinquedos e as atividades lúdicas como essenciais na educação, e valorizou o papel da família nas relações humanas. Para ele as mulheres deveriam ultrapassar o limite estritamente doméstico a que eram relegadas, para o contexto público, aplicando suas qualidades maternas como professoras no jardim de infância, passando assim, a serem as “jardineiras” desse jardim. O termo “jardineiras” também será bastante usado na pedagogia waldorf, denominando dessa forma as professoras do jardim de infância.

Vemos algumas semelhanças entre Steiner e Froebel, como por exemplo a observação da natureza como inspiração para suas ideias pedagógicas. Para Froebel as crianças eram consideradas como plantinhas de um jardim; Steiner, por sua vez, também relacionava o desenvolvimento do ser humano com o da planta, considerando, contudo, não apenas aspectos sensorialmente observáveis, mas também aquilo que chamou de “natureza oculta do ser humano” (STEINER, 2014, p.13).

Steiner e Froebel tiveram a influência dos mesmos filósofos: Hegel, Fichte e Schiller. Encontramos, na obra de ambos, ideias como a de que as crianças no jardim de infância não devem ser ensinadas, mas sim, legitimadas a se desenvolverem em liberdade. Outro ponto comum é o pressuposto de que as crianças pequenas aprendem por intermédio dos sentidos, e não da razão.

Podemos portanto entender a escola waldorf como fruto de um movimento que já vinha acontecendo na Europa. Desde Pestalozzi, surgiam novas formas de pensar a pedagogia e a sociedade. A participação na vida coletiva, econômica e social passou a ser valorizada. A dimensão da liberdade do homem era um ponto de destaque desses novos pensadores. Havia um movimento de grande parte da sociedade pela renovação do ensino.

O nascimento do jardim de infância waldorf contará com uma ex-aluna do Seminário Pestalozzi-Froebel em Berlim, Elizabeth Grunelius. O primeiro contato de Steiner com Elizabeth foi em 1914¹⁸. Mais tarde (1920) Steiner retomou esse contato pedindo que ela fizesse uma proposta para trabalhar com crianças de 3 a 5 anos. Elizabeth, que num primeiro momento declinou do convite, em seguida resolveu aceitar o desafio proposto por Steiner, e junto com ele montou um primeiro ensaio do que seria um jardim waldorf. Howard (2005), discutindo sobre o primeiro jardim de infância Waldorf, fala do desafio assumido por Elizabeth Grunelius nesse processo:

Ela se encontrou todas as tardes, por 3 horas, com cerca de 20 pré-alunos da primeira série. A sala era usada para a oitava série na parte da manhã, com bancos fixos ao longo das paredes, e carteiras pesadas que não podiam ser movidas, e o chão pintado de preto! Felizmente, era período de primavera/verão, e ela podia estar ao ar livre com as crianças na maior parte do tempo. Não havia brinquedos e materiais de jogo. Ela tinha apenas as declarações de Rudolf Steiner que a meditação deveria ser a base da vida no jardim de infância, e que deveria trabalhar a partir da imitação - dois pensamentos inteiramente radicais que nunca tinha encontrado antes em sua formação para a educação infantil! (HOWARD, 2005).

¹⁸ Elizabeth Grunelius era então uma jovem de 19 anos, que se interessava pela Antroposofia. Colaborou na construção do Goetheanum, em Dornach, Suíça, (edifício talhado em madeira, centro da sociedade antroposófica, incendiado criminalmente na segunda guerra mundial).

Esse projeto-piloto de jardim de infância durou poucos meses, pois além da sala ser inadequada e de não haver financiamento para sua continuidade, ele aconteceu durante as férias de verão. Foi um primeiro momento onde Elizabeth, com o apoio e a supervisão de Steiner, ganhou experiência. Depois desse tempo ela passou a dar aulas de trabalhos manuais e trabalhar como professora substituta; mais tarde, entretanto, retornou ao jardim de infância, passando a experiência que ganhou para outros professores.

A inauguração de um novo jardim de infância aconteceu apenas em 1926, quase 18 meses após o falecimento de Steiner, na *Escola Waldorf Livre*. Elizabeth cuidou desse jardim junto com Klara Hatterman, sua estagiária e mais tarde professora e amiga. Pode-se dizer que essas duas mulheres foram as pioneiras do movimento do jardim de infância waldorf.

Em 1938 os nazistas fecharam a *Escola Waldorf Livre*, como também outras iniciativas que haviam surgido. Elizabeth foi então para os Estados Unidos, onde ajudou a abrir novas escolas e escreveu um livro: "Primeira infância e o Plano das Escolas Waldorf". Klara Hatterman voltou a Hannover em 1946 e recomeçou um jardim de infância muito simples e precário, construído a partir dos destroços da 2ª guerra. "No início, as brincadeiras ao ar livre consistiam em brincar nos escombros do pós-guerra e descobrir uma colher ou um prego ou algo para ajudar a construir o jardim de infância." (Howard, 2005, pag.04).

A partir de 1950, Klara Hatterman liderou um grupo que reunia professores dos jardins de infância, uma semana por ano, durante a Páscoa. Esse grupo se comprometeu com os estudos da criança, com base na Antroposofia, e com o apoio à criação de novos jardins. Esse movimento foi muito importante para o desenvolvimento dos estudos antroposóficos da criança na prática da educação infantil waldorf. Em 1969 essas reuniões se tornaram a Associação Internacional de Jardins de Infância Waldorf, um movimento ativo até hoje, e que agrega mais de 1.200 jardins de infância no mundo.

3.

A prática pedagógica no Jardim de Infância

Nós, como educadores e docentes, em suma temos a tarefa de postar-nos respeitosamente diante da individualidade [do aluno], proporcionando-lhe as possibilidades de seguir suas próprias leis evolutivas.

Rudolf Steiner

Este segundo capítulo traz aspectos que orientam o dia a dia da pedagogia waldorf. Nele, serão abordados alguns princípios pedagógicos dessa proposta como a imitação e o corpo/movimento. A especificidade dos brinquedos waldorf também será retratada, bem como a importância dos ritmos no dia-a-dia da escola. Por fim, o capítulo aborda a perspectiva da alfabetização na pedagogia waldorf, talvez um dos pontos mais polêmicos atualmente, por conta da lei que ampliou para nove anos o Ensino Fundamental - lei 11.114/05 - e a lei que torna obrigatória a matrícula de crianças até seis anos no Ensino Fundamental - lei nº 11.274/06.

A pedagogia waldorf não é uma metodologia, mas uma proposta pedagógica. Existem várias escolas waldorf espalhadas pelos cinco continentes, incluindo várias partes do Brasil. Essa diversidade geográfica faz com que as escolas sejam influenciadas pelas características culturais e climáticas particulares de cada região, conferindo a cada escola uma “personalidade” própria. Além de livros sobre a pedagogia waldorf e da obra de Steiner¹⁹, a construção deste capítulo se apoia em três livros que contam as experiências de três escolas com características distintas: A Escola Nokken²⁰, (Copenhague, Dinamarca) a experiência da Associação Monte Azul²¹ (projeto social que atende as creches e jardins de infância das favelas Monte Azul, Peinha e Horizonte Azul em São Paulo) e da Escola Rudolf Steiner²² (localizada em um bairro nobre de São Paulo).

Este capítulo é adensado por duas experiências pessoais.

Primeiro, no curso de Especialização, do qual resulta esta monografia, entrei em contato com as ideias de Walter Benjamin, através de seu livro “Reflexões sobre a

¹⁹ Ver relação das obras de Steiner na Bibliografia, ao final da monografia.

²⁰ Jardim de infância: Estruturando o ritmo diário segundo as necessidades da criança pequena. Helle Heckmann. FEWB/Aliança pela infância, São Paulo, 2010

²¹ Criança Querida: O dia a dia da Educação Infantil. Renata Keller Ignacio. Antroposófica/Associação Comunitária Monte Azul. São Paulo.2014

²² A Pedagogia Waldorf 50 anos no Brasil. Escola waldorf Rudolf Steiner. São Paulo.2006

criança, o brinquedo e a educação” (2011). Esse autor, bastante referenciado ao longo do curso, traz interessantes insights para o diálogo com a pedagogia waldorf.

E, somado a isso, apresento a minha própria experiência, como mãe de duas crianças que estudam na Escola Michaelis (Botafogo, Rio de Janeiro). Meu primeiro contato com a escola foi em 2006 (há 8 anos) quando procurava creche para meu filho. Num dia do mês de fevereiro, quando caminhava em uma rua no bairro do Humaitá, escutei uma música de carnaval. Chamou minha atenção aquela bonita melodia, tocada por instrumentos como violino e flauta. Aproximei-me do portão da casa de onde saía a música e pude ver pelas frestas alguns adultos tocando os instrumentos enquanto crianças dançavam. Não entendia exatamente o que era aquilo, mas achei algo de encantador. Voltei alguns dias depois e soube que era uma escola waldorf. Marquei uma entrevista com a diretora da escola para que ela me apresentasse à escola e sua proposta.

Nessa conversa, Denise Domingues²³ me relatou várias características do jardim de infância como: a restrição do uso de computadores e aparelhos eletrônicos; o incentivo à criatividade através dos contos de fadas; a opção de não haver uniforme escolar; o cuidado de não trazer para escola elementos comerciais (personagens); a preferência por brinquedos feitos com elementos naturais e bonecas de pano; a importância do ritmo para a criança pequena; a alimentação natural, orgânica e integral, entre outros. Mas o que me chamou mais atenção foi o fato dela dizer que, se fosse possível, eu não colocasse meu filho na escola até os três anos de idade, pois a convivência com a mãe até essa idade é muito importante. Disse também que até essa idade a escola é uma necessidade da família e não da criança. Suas palavras me deixaram surpresa, principalmente por a escola aceitar crianças a partir apenas dos dois anos. Não entendi o porquê da “dispensa” de um aluno em potencial. Para mim, isso contradizia uma tendência que vinha acontecendo na minha busca por creches: as escolas diziam que valeria a pena matricular meu filho o quanto antes, pois seria bom para a sua socialização a convivência com outras crianças (na época ele tinha 10 meses).

Desde então, passei a estudar a pedagogia waldorf e matriculei meu filho, aos dois anos, no Jardim Michaelis. Aos poucos fui me envolvendo e hoje participo do seminário de pedagogia waldorf no Rio de Janeiro (curso de formação para professores waldorf, com duração de quatro anos).

²³ Diretora da escola até os dias atuais.

Para a pedagogia waldorf, da mesma forma que o alimento que se come nutre o corpo, as experiências com o belo, a música e a poesia alimentam a alma. Fica evidente o cuidado estético que se tem dentro das escolas waldorf.

É possível identificarmos uma sala de educação infantil waldorf prontamente:



Imagem 09



Imagem 10

A primeira impressão pode ser de estranhamento, visto que nossos olhos se acostumam a espaços repletos de mesas e brinquedos escolarizados. No entanto, as cores suaves, cestas de palha, móveis e brinquedos de madeira, bonecos de tecido e uma reprodução da pintura da Madona de Raphael são elementos que não faltam na organização de uma sala, como explicitado nas imagens acima²⁶. Todas as fotos que aparecem na sequência foram tiradas na Escola Michaelis, por mim.

Nesta perspectiva, o Jardim de Infância deve ser a extensão de uma casa, com cozinha e banheiro. A sala tem vários cantinhos separados por cavaletes, cobertos por panos, onde as crianças brincam de casinha ou de se esconder. Os brinquedos são organizados em cestas no chão ou em prateleiras com altura suficiente para as crianças alcançarem. Em algum canto haverá um tecido pendurado de tal forma que faça parecer uma cabana. Abaixo ficarão os colchões. Tudo bem simples, com uma distribuição tão harmônica que faça transmitir aconchego.

Assim é uma sala de educação infantil waldorf. A professora, junto de uma auxiliar, cuida do ambiente e das crianças, lava as frutas e prepara o lanche. Se algo precisa ser costurado ou cerzido, a professora o faz. As professoras do jardim de infância, carinhosamente chamadas de jardineiras, são artesãs e artistas, sabem fazer tricô e crochê como também tocam flauta e kantele²⁷. Nada impede também que haja

²⁴ Imagem 09: Criança brincando na sala do Jardim de Infância

²⁵ Imagem 10: Foto da pintura de Madona de Rafael

²⁶ A fotos que aparecem na sequência, incluindo crianças no contexto da pedagogia waldorf, são de arquivo pessoal da autora. Todas fotos foram tiradas no Jardim Escola Michaelis/Botafogo. R.J

²⁷ Kântele: Instrumento pentatônico, com cinco notas básicas (ré, mi, sol, lá e si) da família das liras, de origem celta.

professores homens como jardineiros, pelo contrário: a figura masculina, apesar de não ser comum, é muito bem recebida, pois é fundamental como um modelo na vida cotidiana.

Como anunciado no início deste capítulo, alguns princípios da pedagogia waldorf para o jardim de infância serão comentados, começando pela imitação, por ser um ponto relevante nessa abordagem quando se fala da educação da criança pequena.

3.1. A imitação

“A nossa mais elevada tarefa deve ser a de formar seres humanos livres que sejam capazes de, por si mesmos, encontrar propósito e direção para suas vidas.”

Rudolf Steiner

Cada dia, ao chegar à sala, as crianças tiram os sapatos, que guardam nos devidos lugares, e calçam suas pantufas. Participam lavando sua própria louça, ajudando no descascar das frutas, regando as plantas ou arrumando os brinquedos. Para Steiner (2013, p. 34) “É tarefa do jardim de infância introduzir os afazeres da vida cotidiana de modo que possam ser integrados nas atividades lúdicas das crianças”. Como em uma casa, elas podem conviver com crianças mais velhas ou mais novas, não sendo um critério para a formação de uma turma, crianças da mesma idade. As escolas podem ter turmas de maternal (2 a 4 anos), turmas de jardim (4 a 6 anos) ou turmas mistas (2 a 6 anos). As crianças maiores têm tarefas mais amplas, de maior responsabilidade - inclusive a de ajudar a cuidar das menores, que por sua vez passam a admirá-las.

Na primeira infância a *imitação* é um princípio educativo básico. A criança aprende experimentando com o corpo, através do movimento e dos sentidos²⁸. Ela observa os mais velhos fazendo e quer fazer também.

Assim ela apreende e internaliza os sentidos que o mundo produz, ao mesmo tempo em que, através de suas brincadeiras, devolve para o mundo o seu registro dele, a partir do lugar único que ocupa do mundo. Steiner(1956) fala que a criança do jardim de infância não quer seguir instruções que lhe digam o que fazer, ela quer fazer do seu próprio modo, tem uma necessidade natural de imitar a vida e o adulto. Dessa

²⁸ Para a Antroposofia os sentidos vão além dos 5 sentidos conhecidos (visão, audição, olfato, paladar e tato). São 12 sentidos: tato, vital, movimento, equilíbrio, olfato, paladar, visão, térmico, audição, linguagem, pensamento, eu do outro. Maiores informações no livro: STEINER, Rudolf. **Os doze sentidos e os sete processos vitais**. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2012.

forma, o brincar deverá ser livre e espontâneo, sendo através das brincadeiras a melhor forma da criança aprender. Lameirão (2007) dirá que somente a espontaneidade propiciará um aprender que ninguém mais poderia lhe ensinar. Ao brincar livremente a criança encontra sua expressão, seu intento no mundo e, “quase imperceptivelmente, a brincadeira livre se transforma num movimento organizado” (CARLGREN e KLINGBORG, 2005, p. 40).

Para a pedagogia waldorf, a criança pequena é essencialmente movimento, está mais atenta aos gestos do educador do que propriamente a sua fala e explicações. Por isso, o professor waldorf deverá estar atento para que seus gestos sejam plenos de sentido, ou seja, os movimentos não deverão ser descuidados, mas sim conscientes. Uma professora waldorf falará com as crianças suavemente, movimentar-se-á no ambiente com gentileza, cuidado. Estará atenta ao que passa a seu redor e suas mãos deverão estar sempre trabalhando: consertando um brinquedo, costurando uma boneca ou fazendo roupinhas. Pode também cozinhar, preparar um bolo ou biscoitos. Sua relação é com a vida que acontece e não apenas com informações sobre a vida.

A criança vai brincar imitando o trabalho do adulto, seus gestos e, sobretudo, sua dedicação interior. A criança se interessará naturalmente por esse afazer, seja ele qual for: pedreiro, médico, marceneiro ou arquiteto. Através da observação do empenho do adulto em seu trabalho, com os instrumentos que ele usa para fazê-lo, a criança vai se interessando, descobrindo o mundo e interagindo com ele. Isso me faz lembrar Benjamin²⁹(2011) quando fala sobre a capacidade de percepção da criança e seu poder de apropriar e transformar o que vê em algo próprio.

É que crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ao marceneiro. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas (BENJAMIN, 2011, p.103).

É da criança que partem a curiosidade e o interesse no que ela vai pesquisar, envolvida com o material que mais lhe chama atenção. É uma força que só pode vir de dentro para fora. Ela vai construir e reconstruir, encaixar e desencaixar, experimentar, repetindo, fazendo desse movimento um exercício constante. É de maneira lúdica, e muito séria pra ela, que viverá assim um processo de construção interno do seu próprio corpo. Benjamin (2011, p.101) lembra uma pequena sentença de Goethe sobre

²⁹ Walter Benjamin(1892/1940), de nacionalidade alemã, foi filósofo, crítico literário e ensaísta.

essa construção que a criança faz através da repetição: “tudo à perfeição talvez se aplainasse, se uma segunda chance nos restasse”.

Para a pedagogia waldorf, nessa fase da vida o impulso que governa a criança é a vontade, o *querer*. Nos primeiros sete anos a criança é um ser volitivo: sua atuação no mundo passa pela vontade, exercida através das atividades corpóreas, manuais, artesanais. O adulto deverá apoiar essa força da criança, oferecendo espaço que permita atividades corporais livres para que ela brinque espontaneamente. Essa proposta pedagógica dá muita importância ao corpo, que não deverá ser visto desassociado da alma e do espírito. É uma visão holística do ser humano: um sujeito integral, que até os sete anos se expressará basicamente através do próprio corpo e seus movimentos, abordados no próximo tópico.

3.2 O corpo e o movimento

"O homem só brinca ou joga enquanto é homem no pleno sentido da palavra, e só é homem enquanto brinca ou joga".

Schiller³⁰(1759/1805)

Para a Antroposofia, até os sete anos de idade a criança é um ser extremamente sensível com o ambiente, capta tudo o que passa ao seu redor sem filtro de julgamento. Não distingue realidade e fantasia, acredita no que vê e absorve em seu corpo suas vivências. É através dos sentidos que ela aprende. Essas experiências vão construindo nela a própria memória corporal. Ela é toda sensação. É através das brincadeiras que a criança tentará dar conta do intenso movimento sensorial que acontece em seu mundo.

Como já apontado, tudo o que a criança “elege para imitar é muito significativo, pois é um processo de identificação que revela seu próprio ser de forma autêntica” (LAMEIRÃO, 2007, p. 21). O professor waldorf deve ter consciência de sua importância na formação dos hábitos das crianças, construídos através da imitação e da rotina, que terão seu primeiro eco nos movimentos e no corpo da criança. A experimentação do corpo, com brincadeiras criadas pelas próprias crianças em função de suas necessidades, traz a liberdade tão necessária para a criação. Movimento e criatividade estão interligados nessa fase. Segundo Lameirão é através do movimento espontâneo e do brincar livre que a criança toma posse do próprio corpo, de forma inconsciente, além de desenvolver a imaginação com maior plenitude. E, a grandeza da imaginação depende da gama diferenciada de vida perceptiva que ela

³⁰ Friedrich Schiller, poeta e filósofo alemão.

desenvolveu, concomitante à sua capacidade de movimentação. Se o movimento é tolhido e a percepção tranquila é comprometida, a imaginação não surge com tanta intensidade (LAMEIRÃO, 2007).

Por isso, a pedagogia waldorf valoriza a importância do movimento para o desenvolvimento saudável da criança. Ela aposta na compreensão do ser humano como um ser integrado, entendendo que o brincar livre e o movimento espontâneo são vitais para uma vida imaginativa livre, como a experiência do belo, e a criatividade, são fundamentais para a formação do corpo.

Levando em conta esse lugar privilegiado do movimento e do corpo, Steiner (2014) desenvolveu um olhar a respeito dos tempos do andar, falar e pensar da criança. Segundo ele, atitudes como “amor no aprendizado do andar, veracidade no aprendizado da fala, clareza e determinação durante o aprendizado do pensar transformam-se, nessa fase da vida, em organização física” (p.15).

O exercitar dos braços e das pernas no ziguezague do caminhar, por exemplo, ajuda a construir uma conexão entre os hemisférios direito e esquerdo, o que se refletirá na formação da linguagem e do pensar. O andar ajuda na respiração, na digestão. O movimento do corpo começando com o bebê rolando, se arrastando e mais tarde engatinhando, será importante para os primeiros passos. Segundo Steiner (2002), a complexidade do andar não é apenas ficar de pé e se movimentar, mas sim vencer a força da gravidade e passar da posição horizontal para a vertical. Isso tudo acontece no primeiro ano da criança.

No segundo ano a criança, que já está ereta e mais desenvolvida em relação à orientação do espaço, do organismo motor e da organização dos gestos, estará com a cabeça firme, conquistando assim a habilidade para a fala. Para Steiner (1923) o desenvolvimento da fala está interligado à movimentação harmônica de braços e pernas, portanto, ao corpo. O ritmo respiratório também interferirá na fala através da inspiração e a expiração. A alternância do movimento de introspecção com o de extroversão fará a criança se sentir atraída por tudo que é rítmico. Ela repete as palavras, pede para repetir as histórias, tem prazer em cantar.

No terceiro ano, através do corpo no espaço e no mundo, e do aperfeiçoamento e exercício da linguagem, ela desenvolve a capacidade de pensar; ela se percebe como um “eu” separada do outro; ela interioriza algo do mundo, mudando sua relação com ele. O brincar não é mais solitário, a criança se interessa agora em interagir mais com outras crianças. Lameirão (2007, p.15) fala que a criança “passa a imaginar, a aprender o ambiente não apenas a partir de sua movimentação, percepção e sentidos. Ela interage com o mundo por meio da imaginação que, como a palavra diz, é imagem em ação, em movimento!”.

Na sua interação com o mundo, privilegiando o brincar, a criança tem uma estreita relação com os brinquedos, que também merecem atenção na pedagogia waldorf.

3.3 Os brinquedos e as brincadeiras

“Mas quando um poeta moderno diz que para cada um existe uma imagem em cuja contemplação o mundo inteiro submerge, para quantas pessoas essa imagem não se levanta de uma velha caixa de brinquedos...”
Benjamin (2011, p.102)

Tal qual a perspectiva de Benjamin (2011) que vê no rosto infantil espaço para o que é residual, os brinquedos num jardim waldorf deverão ser simples: a pedagogia waldorf aposta na capacidade da criança projetar no objeto simples aquilo que está no interior dela, em sua alma. Por exemplo, ao ver uma boneca feita de pano, sem expressão facial definida, ela pode desenvolver de forma mais plena seu potencial imagético. Ela fantasia, de acordo com seu íntimo, se a boneca está feliz, triste, com medo, possibilitando que dessa forma surja sua própria expressão, trazendo para o mundo exterior o que acontece em seu interior. Para essa pedagogia, aos brinquedos prontos e industrializados falta a qualidade primordial do brinquedo: o estímulo à fantasia. A criança não precisa necessariamente de brinquedos prontos para brincar: é corriqueira a situação em que, por vezes, ela acaba preferindo as possibilidades que a embalagem do presente oferece (amassando, rasgando, ouvindo o som, “vestindo” uma caixa) do que com o próprio presente. Em relação à boneca, Steiner fala que:

Basta darmos à criança um lenço ou um pano, fazemos um nó, na parte superior, de modo que surja uma cabeça, e outros nós que formem, na parte inferior, as pernas e já teremos um palhaço ou uma boneca. Poderemos então acrescentar ainda algumas manchas de tinta para os olhos, nariz e boca, ou melhor, a própria criança poderá fazê-lo(...) Ela então poderá completar, por meio da atividade imitadora e criadora de imagens em sua alma, o que falta para obter a boneca perfeita (STEINER, 2013, p. 35).

Outros elementos como tocos de madeira, pedaços de tecidos de diferentes cores ou sementes são utilizados no jardim de infância. As crianças transformam esses instrumentos em brinquedos e brincadeiras infinitas. Um pedaço de pano pode ser uma capa de um rei ou um tecido para acalantar a boneca, uma casca de coco pode virar um barquinho ou uma panela, um pedaço de pau pode ser um cavalinho ou uma espada. A criança tem a liberdade para mudar a brincadeira, metamorfosear os

brinquedos. O brinquedo saudável deve incentivar a fantasia e não deve ser um produto acabado.

Essa perspectiva encontra eco nas palavras de Benjamin (2011, p. 85): “não há dúvida que brincar significa sempre libertação”. A criança, sujeito de linguagem e cultura, enquanto brinca, é livre. É através da experimentação que ela constrói o que quer, edificando seu mundo, a partir de suas próprias exigências.

As crianças formam para si seu mundo das coisas, um pequeno no grande, elas mesmas. Seria preciso ter em mira as normas desse pequeno mundo de coisas, se se quer criar deliberadamente para as crianças e não se prefere deixar a atividade própria, com tudo aquilo que é nela requisito e instrumento, encontrar por si só o caminho que conduz a elas (BENJAMIN, 1995, p.18).

A concepção do que é um brinquedo a partir da visão do adulto não representará necessariamente a exigência espontânea da criança. A pedagogia waldorf entende que os brinquedos devem partir da imaginação da criança, ela escolhe o que fazer com os instrumentos que encontra. Esse “pequeno mundo” das coisas, escolhido pelas crianças, constituirá suas experiências culturais, “um pequeno no grande”, tecendo assim um diálogo desses dois mundos: adulto e criança.



31

Imagem 11



32

Imagem 12

O espaço físico externo deverá oferecer a oportunidade de movimentação, equilíbrio e desafios. Brincar ao ar livre explorando a natureza será fundamental: subir em árvores, explorar jardins, catar gravetos e sementes. Os brinquedos oferecidos são: caixa de areia, pernas de pau, baldes, pás, cordas, canecas, escorregadores, balanços, dentre outros. As crianças precisam testar limites, adquirindo assim novas

³¹ Imagem 11: Em uma sala de Jardim de Infância, cestas com tocos de madeira e sementes. Foto do arquivo pessoal.

³² Imagem 12: Boneca waldorf. Foto do arquivo pessoal.

habilidades. Ao ar livre elas poderão correr, cair, pular, escalar, esconder-se ou construir cabanas. São as próprias crianças que ajudam em algumas atividades domésticas como varrer o pátio, molhar as plantas ou lavar e estender roupas no varal.

A imagem de crianças brincando em liberdade é a marca cotidiana dos jardins de infância waldorf. A sala, com suas paredes, não podem conter aquilo que se faz quando o que está em jogo é o espaço aberto para o QUERER.



Imagem 13

Uma simples rede leva a o movimento a mundos nos quais a imaginação é o que conta. Na imagem 13, mais uma vez é possível perceber que a sala de um jardim de infância waldorf é espaço para a imaginação criadora e a rede vira uma grande canoa.

Ainda dentro deste tópico, dois destaques são pertinentes: o lugar da poesia e dos contos de fadas e do cântico e trabalhos manuais, pois ampliam as possibilidades de expansão do imaginário infantil.

Na pedagogia waldorf, a poesia faz parte da educação infantil através dos versos ou da recitação de poemas. As histórias contadas são as de contos de fadas, de preferência dos Irmãos Grimm ou antigos contos populares. Para esta abordagem os contos de fadas trazem, em forma de imagens, as verdades do mundo. Um rico universo de fantasia é transmitido através de uma infinidade de personagens como bruxas, vilões, fadas madrinhas, criaturas do mal, heróis ou princesas. Lanz (2005, p. 44) afirma que as imagens dos contos mostram “as tendências e expectativas que, inconscientemente, desenham-se na alma infantil, gravando em seu subconsciente

³³ Imagem 13: Foto da autora.

ideais e anseios que mais tarde se transformam naturalmente nos ideais e aspirações da vida”. Para ele a alma infantil e o mundo dos contos possuem uma profunda afinidade. Através da estória, o imaginário infantil é despertado, e a memória, a atenção e a auto-expressão são desenvolvidos. As estórias são sempre contadas, nunca lidas, pois ao escutá-las as crianças podem imaginar seus próprios personagens, criar suas próprias cenas; se a criança acompanhar os desenhos do livro, pode adotar aquela imagem ao invés de inventar a sua. Segundo Steiner (2013, p. 26), “antes da troca dos dentes todas as histórias, contos, etc. devem ter por único fim trazer para a criança um ambiente de alegria e riso (...)” Para ele as crianças até os sete anos, deveriam viver em um mundo de sonhos. Os professores devem buscar “nutrir” as crianças através das histórias, com imagens que contribuam para sua descoberta do mundo.

Os professores podem tocar kântele para acompanhar algumas atividades como aquarela ou contação de estórias. Esse instrumento de cordas em escala pentatônica é apresentado à criança a partir dos cinco anos. É nessa idade também que inicia-se os trabalhos manuais, através do tricô de dedo. São dois instrumentos que contribuem para o aprimoramento das habilidades motoras finas.



Imagem 14



Imagem 15

Cantigas de roda, contos de fadas, teatrinhos de bonecos, modelagem em cera de abelha natural, pinturas com aquarela, tricô de dedo, farão parte das atividades pedagógicas da criança nesse momento, como coadjuvantes das formas de expressão. Deixar desabrochar o potencial criativo e imagético da criança nos primeiros sete anos será a base do jardim de infância.

³⁴ Imagem 14: Crianças pintando aquarela enquanto a professora toca kântele. Foto do arquivo pessoal

³⁵ Imagem 15: Crianças desenhando enquanto a professora corta o pão.

Como parte desses primeiros destaques, o ponto a seguir traz o ritmo, sendo este um conceito inspirador para o cotidiano das práticas pedagógicas num jardim de infância waldorf.

3.4. A importância do ritmo

“Só alcança a liberdade, assim como a vida,
quem diariamente a deve conquistar”.
Goethe (Fausto)

A pedagogia waldorf propõe que as atividades do dia a dia das crianças na escola sejam inspiradas na ideia de ritmo. Esse ritmo é definido muito mais por um diálogo com a natureza, com o corpo e sua respiração, do que pelo tempo da rotina, tão comum nas escolas de educação infantil, mais marcado por uma ordem cronológica. Recorro à etimologia das palavras rotina e ritmo³⁶, para exemplificar melhor as diferenças de cada uma:

Ritmo: Sucessão de tempos fortes e fracos que se alternam com intervalos regulares na natureza e nas artes (na linguagem, na poesia, na música); cadência, compasso: ritmo poético. A palavra vem do grego *rhythmos*, que significa movimento compassado.

Rotina: Caminho utilizado normalmente; itinerário habitual. Fig. Hábito de fazer uma coisa sempre do mesmo modo, mecanicamente; repetição monótona das mesmas coisas; apego ao uso geral, sem interesse pelo progresso.

A escolha da pedagogia waldorf em não propor a dinâmica mais mecanizada de um dia a dia a partir da rotina, em prol de outra mais orgânica a partir dos ritmos diários, semanais, mensais e anuais, é coerente com a visão que essa proposta assume como importante no que diz respeito ao tempo da criança. Como o movimento natural da respiração de inspirar e expirar, de acordar e dormir, o ritmo diário é conduzido de forma que a criança alterne momentos de expansão e introspecção, atividades livres e dirigidas ou esforço e descanso. O ritmo é a “respiração da aula”. As atividades devem seguir com momentos mais interiorizados e outros de maior extroversão. Para a pedagogia waldorf é muito importante a condução de um ritmo marcado e saudável, pois isso proporcionará segurança pra criança, desenvolvendo assim sua confiança no mundo. Em relação ao ritmo Lameirão (2007) fala que:

³⁶ Fonte: dicionário online em português - <http://www.dicio.com.br>.

(...) é o elemento que dá disposição e eficiência ao cumprimento de nossas tarefas. A diferença fundamental entre ritmo e rotina é a relação das partes com o todo, como uma composição. Introduzimos ritmo no cotidiano da criança quando cada atividade se relaciona ao dia todo. Outra característica do ritmo é a presença de pausas (p. 33).

Abaixo um exemplo prático de um ritmo diário no jardim de infância.

- As crianças chegam de casa, brincam livremente no pátio ou dentro da sala.
- Após todos chegarem, é feita uma roda de bom dia.
- São convidadas a fazerem uma atividade como desenho livre, por exemplo; pintura em aquarela; ou fazer o pão; pintar ovos para a Páscoa, se for Semana Santa etc.
- Brincam livremente.
- Arrumam os brinquedos em seus lugares.
- Fazem uma roda rítmica (com gestos e canções relacionados com a época do ano).
- Preparam-se para o lanche.
- Lancham, ajudam a recolher a mesa.
- Saem para o pátio.
- Retornam de fora e preparam a sala para ouvir o conto de fadas.
- Retornam para suas casas.

O professor, como um maestro, deverá harmonizar o ritmo, de forma que as atividades possam ser feitas com sentido. Ele deve proporcionar vivências de tempo, de modo que as crianças percebam um processo, um encadeamento. É importante que as atividades tenham começo, meio e fim. O ritmo também vai fortalecer o hábito, pois ao repetir uma ação, feita com veracidade e sentido, por um longo período, haverá a aquisição, e não a imposição do hábito. Qualquer nova habilidade adquirida será dada a partir da repetição (diária, semanal, mensal...) de um ritmo que possa ser internalizado, marcando a transformação da ação, do exercício em hábito.

Os ritmos semanais serão dados pelas atividades dos dias da semana. Cada professor tem autonomia, dentro dos princípios da pedagogia waldorf, para escolher a atividade que caracterizará os dias no decorrer da semana. Por exemplo, num dia pode ser uma atividade artística como aquarela, desenho ou tricô, em outro dia pode ser alguma atividade culinária. Quando é o dia de comemorar o aniversário de uma criança, o ritmo do dia será voltado para esse evento.

Uma das propostas mais frequentes é a roda rítmica. Elas são repetidas por quatro semanas em média e podem ter como tema inspirador uma festa, as estações do ano com os principais arquétipos inspirados pelos ciclos da natureza ou contos de

fadas. As rodas contam uma história e devem proporcionar um ritmo natural de concentração e expansão. Podem ser contos mais teatralizados ou folclóricos, com movimentos, versos e músicas, em que as crianças vivenciam através do corpo, da palavra e dos sons, as imagens trazidas pela professora. As crianças podem pular e gritar como um leão ou agachar e sussurrar como um gatinho, conforme a roda vai se desenrolando e elas vão se transformando, cantando e brincando.

A roda rítmica não adota necessariamente um roteiro pré-estabelecido. A professora é livre para criar a roda rítmica para sua turma, devendo buscar, a partir da observação das crianças, imagens de histórias e músicas que acredita que possam atender às necessidades daquele grupo de crianças naquele momento.

Os ritmos anuais são marcados pelas festas: Carnaval, Páscoa, São João, Festa dos ventos, Festa da primavera, Michael, Advento e Natal. As escolas waldorf festejarão esses momentos enfatizando o enfoque simbólico das festas, e nunca o comercial. É através de imagens e histórias que o momento cultural é transmitido às crianças. Por exemplo: Na páscoa são contadas histórias ou apresentadas imagens que falem de transformação, vida, morte e ressurreição (história da lagarta se transformando em borboleta) e nunca do coelhinho que vai trazer ovos de chocolate. A ideia não é trazer a comemoração para ensinar este ou aquele conteúdo, mas para vivenciar a experiência da celebração dos ritmos da própria vida.

A escola waldorf vai procurar trazer o ritmo também para a alimentação. Na educação infantil as crianças lancham o alimento feito na escola, e sempre que possível, ajudam na preparação dos alimentos, que nunca deverão ser industrializados. Os lanches serão elaborados respeitando as estações do ano, preferencialmente orgânicos e integrais, de acordo com a região em que vive. Serão oferecidos cereais, legumes e frutas, dialogando sempre com a época propícia de cada alimento. Além disso, há o dia do pão, o dos biscoitos, o do arroz integral, o do inhame ou da tapioca; bem como, para cada dia da semana se oferece uma fruta diferente. Sempre trazendo o aspecto lúdico através de imagens, a professora vai contando uma história enquanto prepara o pão ou os biscoitos com as crianças.

É dessa forma que a pedagogia waldorf pratica a ecologia com as crianças na educação infantil: na interface dos ritmos da natureza com seu ritmo diário, sempre priorizando as vivências. Comendo tangerina na época natural da fruta, elas vão captando a interligação entre as estações do ano, o clima e os alimentos. As próprias crianças que vão descascar a fruta, e depois de comê-las, vão jogar fora a casca no local adequado. É uma vivência orgânica, através da qual elas vão criando hábitos como separar o lixo, ou economizar a água. A noção de ecologia e necessidade real de consumo também será trabalhada nos aspectos pedagógicos do dia a dia, como

por exemplo: o cuidado na quantidade e qualidade dos brinquedos (com seu caráter natural de transformação), na inexistência de apelos a produtos comerciais (não existem bonecos e acessórios de personagens) no aproveitamento de elementos da natureza para as brincadeiras (sementes, folhas, gravetos, etc...).

3.5. A prontidão para a alfabetização

"A imaginação é mais importante que o conhecimento."
Albert Einstein

“Quem tenta ajudar uma borboleta a sair do casulo a mata.
Quem tenta ajudar um broto a sair da semente o destrói.
Há certas coisas que não podem ser ajustadas.
Tem que acontecer de dentro pra fora”.
Rubem Alves

Para finalizar este capítulo optei por trazer a questão da prontidão para a alfabetização na pedagogia waldorf. É tendência das escolas de educação infantil, cada vez mais cedo, iniciar a apresentação das letras para as crianças. Essa situação não acontece nas escolas waldorf, na qual, muito pelo contrário, “poupa-se” as crianças do contato com as letras antes dos seis ou sete anos.

Esta é uma questão polêmica. Na minha experiência como mãe de uma escola waldorf, vejo insegurança por parte de alguns pais pelo fato da escola não propor atividades com letras e números na educação infantil. Não é incomum escutar de pessoas que crianças de três, quatro ou cinco anos podem aprender os números ou a escrever seu nome, brincando. Há um medo de que a criança que não opere desde cedo letras e números, vá mais tarde ter dificuldade de alfabetização, de leitura, ou de acompanhar as matérias em outras escolas.

Apresento aqui um pouco da minha visão desse assunto a partir da experiência que tive com meu filho estudando desde os dois anos em uma escola waldorf. Ele entrou no 1º ano do fundamental aos 6 anos e 10 meses. Se alfabetizou sozinho, ao final dos 5 anos. Acredito que tenha sido influenciado por diferentes mídias na rua ou em casa, como também por ter tido a curiosidade natural em folhear livros e revistas. O mundo está repleto de imagens, letras e frases. Foi um processo natural. Pensei em algum momento que o fato dele estar alfabetizado, fosse desanimá-lo para o 1º ano do fundamental, pois já conhecia as letras. Mas isso não ocorreu. Imagino que seja pelo fato do processo de apresentação de cada letra ser com imagens, histórias, ritmos e

movimentos. Não me debruçarei aqui sobre a forma de alfabetização da pedagogia waldorf, mas deixo uma indicação de leitura sobre esse tema: “Criança querida: O dia-a-dia da alfabetização”³⁷.

Apesar da apresentação das letras se dar apenas aos 7 anos, no 1º ano do fundamental, a preparação para alfabetização acontece bem antes, através dos desenhos, da contação de histórias, dos poemas e das canções.

As histórias são contadas diariamente. Dentro do ritmo do dia, há o momento em que a professora organizará o ambiente para contar a história. As crianças vão criando o hábito e o interesse na história. Elas se preparam, com expectativa, para o que a professora lhes contará. Crianças menores escutam histórias curtas; conforme elas crescem, estas vão ficando mais elaboradas. Para a pedagogia waldorf o momento de contação de história é mágico, e deve ser realizado com um cuidado especial. Os contos de fadas, existentes há muitos anos e passados de geração em geração, não devem ser contados como uma simples história, mas observando o valor que uma história tão antiga evoca. Palavras formais e frases com estruturas complexas não são evitadas, tendo as crianças desde cedo contato com um vocabulário extenso e rico. Os professores waldorf trabalham no sentido da criança vivenciar a história antes do início da leitura propriamente dita. A criança está se preparando para a leitura desenvolvendo sua capacidade de formar imagens e de compreensão do que escuta.

A qualidade e diversidade das canções também ajudam a compor esse cenário. Poemas e versos são recitados para as crianças criando um diálogo, ora com momentos mais ritualísticos, ora com o movimento das brincadeiras. Os trabalhos manuais vão ajudar no processo futuro da escrita através do exercício da motricidade fina. Fazendo tricô de dedo as crianças vão desenvolvendo a consciência e a destreza dos dedos, além de trabalhar a concentração. Na época de Micael³⁸, as crianças lixam e pintam escudos para vivenciar histórias inspiradas em força e coragem.

³⁷ BERTALOR Leonore. **Criança Querida: O dia-a-dia da alfabetização**. São Paulo: Antroposófica. 2ªed.1995.

³⁸ Chamado de Arcanjo Micael, nas doutrinas religiosas judaicas, cristãs e islâmicas e São Miguel Arcanjo para os católicos e luteranos, é um símbolo de coragem e resistência, que com força de ferro enfrenta o dragão.



39

Imagem 16



40

Imagem 17

Na perspectiva da pedagogia waldorf, o desenho das crianças é uma forma de comunicação natural. Para Steiner (1995), antes de a criança iniciar a alfabetização propriamente dita, pelos códigos fonéticos, ela deverá percorrer através dos desenhos o percurso de desenvolvimento que a humanidade fez até as letras. A escrita do povo egípcio, os hieróglifos, se dava pela representação da realidade: era a representação do mundo sensório através do desenho. As crianças cumprem, naturalmente, esse percurso através dos desenhos: iniciados pelas garatujas dos seus primeiros anos vão se encaminhando para uma linguagem mais simbólica de formas para então depois enriquecerem seus desenhos com elementos ilustrativos. Para Steiner, na primeira infância devemos fazer o percurso pictórico da história da humanidade, de forma bastante imaginativa:

Devemos evitar uma aproximação direta às letras convencionais do alfabeto que são utilizadas na escrita e na imprensa do homem civilizado. Antes, devemos guiar a criança de uma forma vívida e imaginativa através dos vários estágios que o próprio Ser Humano percorreu na história da humanidade (STEINER, 1995, p. 22, 23).

Ao aprender a ler, a criança deverá compreender o que está fazendo, o significado do que está lendo ou escrevendo. Para a pedagogia waldorf a leitura é mais que a habilidade em reconhecer as letras, e não se resume a decodificação de símbolos abstratos. A alfabetização não deve ser um esforço pedagógico a ocupar a criança quando o que ela prefere é brincar e caminhar em seu próprio ritmo. Os professores deverão apoiar a trajetória da criança em seu caminho até chegar à prontidão natural para a alfabetização, respeitando o brincar livre e o movimento e expressão de seu corpo, oferecendo atividades ricas em estórias, poesia e música, além da iniciação aos trabalhos manuais e ao Kântele. Chegará o momento em que a

³⁹ Criança fazendo tricô de dedo.

⁴⁰ Crianças pintando o escudo de São Jorge para a época de Micael.

criança exteriorizará essa prontidão através do corpo (troca dos dentes), de sua curiosidade, desejo e disponibilidade interna de querer ler e escrever. Ela apresentará uma nova postura interna e externa. O que se espera é o tempo da criança, sua inteireza em tudo o que faz. É um rito de passagem. Ela descobrirá um mundo novo, antes desconhecido.

Com certeza muito ainda há que se falar sobre a pedagogia waldorf para a educação infantil, especialmente tendo um olhar mais analítico, como é o caso da alfabetização. No entanto, a intenção deste trabalho foi a de apresentar essa abordagem e suas principais características, deixando no leitor o desejo de se aprofundar em outros estudos.

4.

Notas Finais

Escrever esta monografia foi o desafio de traduzir em palavras o que é um jardim de infância waldorf.

Certa vez, li que quem passasse pela porta de uma escola com um jardim de infância waldorf sentiria um cheirinho de pão ou bolo assando. Isto, talvez, tenha a ver com o fato de essa pedagogia conceber que, na primeira infância, a criança é um ser sensório; a riqueza de estímulos aos sentidos que podemos experimentar ao chegar num ambiente de um jardim de infância é notória. É difícil crer que aquele espaço físico seja o de uma sala de aula, ou de um espaço institucionalizado: se assemelha mais à sala da casa de uma avó, daquelas antigas, que gostavam de costurar e fazer bolo. O espaço de um jardim de infância waldorf é, principalmente, um lugar de afeto.

Meu envolvimento prévio com essa pedagogia e, sobretudo, minha própria vivência como mãe no dia a dia de um jardim waldorf, facilitaram o acesso não só a materiais e livros sobre a pedagogia waldorf, mas principalmente a uma percepção mais vivencial, “de dentro”, impossível de ser alcançada em livros. Por outro lado, foi bastante desafiador, justamente no sentido de exigir de mim um “afastamento” da pedagogia waldorf. Precisava olhar para a pedagogia e suas práticas com a distância devida de um pesquisador, contribuindo assim para uma escrita mais clara, mais imparcial e menos passional. Digo passional, pois, ao longo desses oito anos, desde que conheci a pedagogia waldorf, desenvolvi por ela uma relação de afeto, de amor. Aliás, isso não é raro de acontecer: várias famílias que conhecem a pedagogia acabam se envolvendo de forma mais próxima, muito por conta do caráter associativo da escola waldorf.

A produção deste texto permitiu que eu me aproximasse de algumas práticas da pedagogia de cuja grandeza eu não tinha a completa noção, como é o caso da variedade, das possibilidades e da riqueza das rodas rítmicas. Outros aspectos trouxeram surpreendentes descobertas, como o difícil e conturbado início do movimento dos jardins de infância waldorf na Europa. Afinal de contas, o jardim de infância só se consolidou graças à persistência de duas mulheres: Elisabeth Grunelius e Klara Hatterman.

Optei por falar da pedagogia waldorf sem desenvolver o lado espiritual que a sustenta. Apesar de toda a base da pedagogia estar calcada na ciência espiritual antroposófica, não seria possível, pela sua complexidade, aprofundar os conceitos que

a cercam. Privilegiei apenas os aspectos que considerava imprescindíveis, apontando caminhos e deixando para o leitor interessado as pistas para maiores aprofundamentos.

Dentro da monografia destaquei os aspectos que considerava fundamentais para a compreensão do Jardim de Infância waldorf; porém, por uma questão de espaço e tempo, vários outros aspectos interessantes da proposta pedagógica não foram mencionados. Assim, não se esgota neste texto a complexidade dessa abordagem. Entre os temas que desenvolvi, a questão do ritmo foi a que me chamou mais atenção, por apresentar uma lógica diferente da usual em relação à elaboração do quadro de atividades no dia a dia da educação infantil. A meu ver, a pedagogia waldorf apresenta em sua proposta uma nova concepção de organização do cotidiano nas escolas. Certamente, levo desta monografia, o desejo de aprofundar esse tema, com a pretensão de desenvolver um projeto de mestrado que fale dessa dicotomia: Ritmos e rotina na educação infantil.

Uma questão que também caberia ser aprofundada é a possibilidade de analisar essa abordagem em confronto com outras perspectivas, como é o caso da teoria histórico-cultural de Lev Vigotski (2000, 2009), que considera a criança como um sujeito inserido numa cultura, sofrendo influência dessa cultura ao mesmo tempo em que é ela mesma produtora de cultura. Ou seja, o desenvolvimento da criança implica as condições históricas e culturais nas quais está inserida, colocando em tensão a perspectiva da naturalização dos acontecimentos durante o desenvolvimento.

Vemos atualmente muitas escolas de educação infantil em que o dia-a-dia das crianças é segmentado por uma lógica que não é norteadas pelas suas reais necessidades: tempo e espaço para brincar, experimentar e criar. A pedagogia waldorf traz através do conceito de ritmo uma proposta de reorganização do dia-a-dia que leva em consideração o tempo da criança, tornando-a protagonista neste processo. As atividades são propostas a partir das necessidades naturais do corpo, de inspiração (introspecção) e expiração (expansão).

Como psicóloga, a minha relação com a escola era basicamente a partir da experiência dos meus pacientes e da percepção que suas famílias tinham dela. A pedagogia waldorf, através da escola do meu filho, me fez querer mergulhar nesse universo, e o curso de especialização em educação infantil me permitiu conhecer sua amplitude. Fui apresentada a muitos autores interessantes, especialmente Walter Benjamin, que me abriu janelas que descortinaram panoramas estimulantes para continuar os estudos sobre a educação infantil.

Por fim, acredito que existem muitas questões interessantes na pedagogia waldorf que podem efetivamente contribuir para a educação infantil no Brasil, dentre elas destaco:

- O desenvolvimento através do brincar livre na primeira infância: a defesa que a pedagogia waldorf faz do brincar livre e espontâneo, provendo um ambiente que estimule e proteja esse brincar, apostando que esse brincar desenvolve a criança por inteiro, nos âmbitos físico, psíquico e emocional;

- A alimentação saudável: O oferecimento de uma alimentação integral e orgânica, rica em sua diversidade de frutas, cereais e legumes, como parte integrante da proposta pedagógica para a educação infantil;

- Ecologia: A valorização da ecologia na vivência diária, com a escolha de brinquedos naturais, alimentação saudável, através do contato com a natureza, da preservação no que se refere à exposição à mídia (inexistência de brinquedos e modismos de apelo publicitário, gerando um consumo desnecessário), entre outros;

- Parceria entre família e escola: O contato direto e participativo dos pais na escola e a conseqüente aproximação entre professores, crianças e suas famílias.

5.

Bibliografia

Alfabetização só depois dos 7 anos?. Disponível em < <http://namu.com.br/materias/alfabetizacao-so-depois-dos-7-anos>>. Acesso em 15 de setembro de 2014.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** 2ed. São Paulo. Editora 34, 2011.

BERTALOT, L. **Criança Querida: O dia-a-dia da alfabetização** 2ed. São Paulo. Antroposófica/Associação Comunitária Monte Azul, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB n. 9.394/1996.

BRASIL (2010). **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009.** Brasília, DF: MEC/CNE/SEB, 2009.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação.** Brasília, DF, MEC/SEF/COEDI, 2006.

CALGREN, Franz. e ARNE, Kling45borg. **Educação para a liberdade: A Pedagogia de Rudolf Steiner**(Erziehung zur Freiheit- 1972) . 9º ed. São Paulo: Escola Waldorf Rudolf Steiner 2005.

ESCOLA WALDORF RUDOLF STEINER. **A pedagogia waldorf 50 anos no brasil.** São Paulo. Escola Waldorf Rudolf Steiner, 2006.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS WALDORF NO BRASIL . **Proposta educacional das escolas waldorf no brasil.** São Paulo. Federação das Escolas Waldorf no Brasil (FEWB), 2005.

HECKMANN, Helle. **Jardim de Infância: Estruturando o ritmo diário da criança pequena.** 2ed. São Paulo. FEWB, 2010.

HOWARSD, Susan. **“The First Waldorf Kindegarten: The beginnings of Our Waldorf Warly Childhood Movement”.** Publicado no Gateways newsletter of the Waldorf Early Childhood Association of North American, 2005.

IGNÁCIO, Renata Keller. **Criança Querida: O dia a dia da Educação Infantil.** 3ed. São Paulo. Antroposófica/Associação Comunitária Monte Azul, 2014

LANZ, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf: Caminho para um ensino mais humano.** 9ed. São Paulo. Antroposófica. 2005

MADEL, T. Luz e WENCESLAU, Leandro David. “Goethe, Steiner e o nascimento da arte de curar antroposófica no início do século XX” , **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 98 | 2012, colocado online no dia 06 Junho 2013, criado a 29 Julho 2014. URL : <http://rccs.revues.org/5046> ; DOI : 10.4000/rccs.5046

PALMER. Joy A. **50 Grandes Educadores. De Confúcio a Dewey.** São Paulo. Editora Contexto, 2014.

PASSERINI, Sueli Pecci. **Pacto pela infância**. São Paulo. ESTADÃO. O Estado de São Paulo. Caderno Aliás. 2012. Disponível em <<http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,pacto-pela-infancia-imp-937972>>. Acesso em: 10 de agosto de 2014.

SÁ, Lilian de Almeida Pereira Bustamante. **Há mais aprendizado no jardim de infância do que os olhos podem ver**. Disponível em <<http://leandrouchoas.com/ha-mais-aprendizado-no-jardim-de-infancia-do-que-os-olhos-podem-ver/>>. Acesso em: 01 de setembro de 2014.

SANTOS, Daniela Celeste Contim. **Práticas de cuidado numa escola Waldorf: performando possibilidades de cuidar**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Faculdade de Psicologia. UERJ, 2013.

SCHOOREL, Edmond. **Os primeiros Sete Anos: Fisiologia da infância**. 2ed. São Paulo. Antroposófica/FEWB. 2013.

STEINER, R. **A educação da Criança**. 5ªed. São Paulo. Antroposófica, 2014.

_____. **A prática Pedagógica**. 2ªed. São Paulo. Antroposófica. 2013

_____. **Os primeiros anos da infância**. 2ªed. São Paulo. Antroposófica, 2013.

_____. **O Desenvolvimento Saudável do Ser Humano**. São Paulo. FEWB, 2008.

_____. **O método cognitivo de Goethe**. 2ª ed. São Paulo. Antroposófica 2008.

_____. **A Arte da Educação – I, O estudo geral do homem: uma base para a pedagogia**. 4ªed. São Paulo. Antroposófica, 2007.

_____. **Os Tipos Constitucionais da Criança**. 3ªed. São Paulo. João de Barro, 2007.

_____. **Teosofia**. 7ªed. São Paulo. Antroposófica. 2004.

_____. **Andar, falar, pensar. A atividade lúdica** 6ªed. São Paulo. Antroposófica, 2002.

VYGOTSKY, Lev. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

_____. **A formação social da mente**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Sites Consultados:

<http://www.sab.org.br>

<http://www.antroposofy.com.br/>

<http://www.freunde-waldorf.de/>

<http://www.federacaoescolaswaldorf.org.br/>